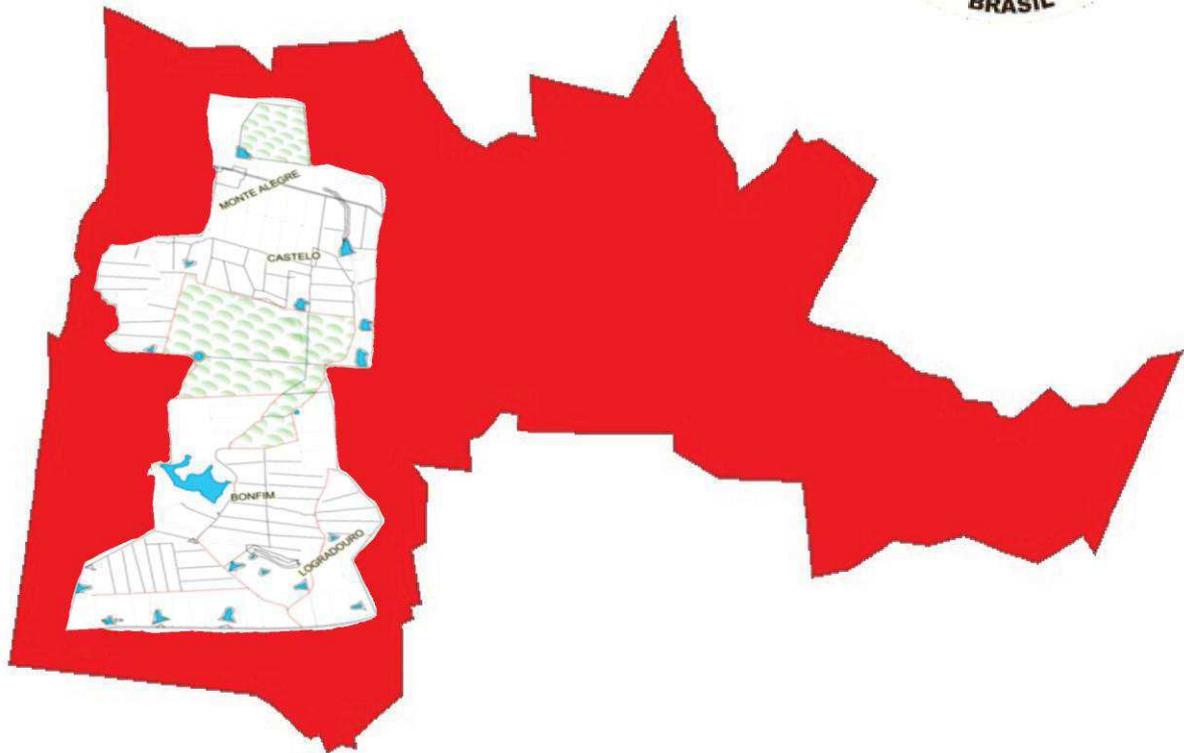


Chistiane Jéssika Vidal dos Santos

# ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DA ATUAÇÃO DO MST: O CASO DO ASSENTAMENTO JOSÉ ANTÔNIO EUFROSINO EM CAMPINA GRANDE -PB



Agosto de 2017

CHISTIANE JÉSSIKA VIDAL DOS SANTOS

**ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DA ATUAÇÃO DO MST: O CASO DO  
ASSENTAMENTO JOSÉ ANTÔNIO EUFROSINO EM CAMPINA GRANDE -  
PB**

Trabalho monográfico apresentado a banca examinadora da Unidade Acadêmica de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, sob orientação do Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior.

CAMPINA GRANDE

AGOSTO DE 2017

**BANCA EXAMINADORA DE: CHISTIANE JÉSSIKA VIDAL DOS SANTOS**  
**TÍTULO: ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DA ATUAÇÃO DO MST: O CASO DO**  
**ASSENTAMENTO JOSÉ ANTÔNIO EUFROSINO EM CAMPINA GRANDE -**  
**PB**

**MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**

**Curso de Licenciatura Plena em Geografia**

**Campina Grande, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2017**

---

Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior – UFCG  
Orientador

---

Prof. Dr. Sergio Malta de Azevedo – UFCG  
Examinador 1

---

Prof. Dr. Ramonildes Alves Gomes - UFCG  
Examinador 2

**Resultado:** \_\_\_\_\_

Dedico esta monografia aos meus pais Cícero e Maria, que sempre me apoiaram nas decisões e ao meu pequenino, meu filho José Miguel, que me proporcionou conhecer o maior amor do mundo.

## **AGRADECIMENTOS**

*Primeiramente eu quero agradecer a Deus pelo o Dom da vida que sem ele nada seria possível e por conceder a realização dessa conquista.*

*Ao meu orientador Prof.º Dr.º Xisto Serafim de Santana de Sousa Junior pelo apoio, confiança, paciência, dedicação e contribuições todo comprometimento em me orientar, apesar de todas as minhas limitações.*

*Extendo os agradecimentos a todos os funcionários da UFCG desde a limpeza as coordenações e aos professores que contribuíram para a minha formação. Aos professores da Unidade Acadêmica de Geografia (Thiago, Sônia, Janaína, Rebeca, Débora, Zenon, Sérgio Murilo, Sérgio Malta, Kátia, Angélica, Murilo Rossi e Caline), Unidade Acadêmica de Educação (Larissa, Alda, Gorete e Antônio Berto (In memorian)), da Unidade Acadêmica de Letras (Karine) e da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (Verena). Deixo aqui registrado um agradecimento especial ao Prof.º Lincoln Diniz e Prof.º Luiz Eugenio (pelo apoio na graduação, em especial no período de gestação) e a Prof.ª Martha Priscila pelas conversas sobre as experiências das vidas profissionais e maternas que serviram de apoio e incentivo em vários momentos.*

*A todos os meus colegas de turma Taís, Ronaldo, Epídio, Diogo, Iranildo, Cleilton, Ana, Amanda, Jeová, Jonatas, Faryd, Dora Macielle e em especial SOCORRO, YURY, ANINHA e JAQUELINE pelo apoio, pelos momentos de alegrias e muitas risadas proporcionados, gosto muito de todos sem exceções.*

*Ao grupo de pesquisa GIDS a participação no mesmo me trouxe vários conhecimentos, o apoio no crescimento profissional e o mais importante, várias amizades. Faço um destaque especial aos amigos Yury Lima, Yuri Oliveira, Robéria, Brenda, Alessandro e Davidson pelo amparo e apoio durante os momentos de vivência no GIDS.*

*A todos os entrevistados pelas informações carinhosamente prestadas pelo o acolhimento para a realizações das entrevistas. Externo aqui o compromisso público da manutenção do sigilo das informações a mim confidenciais durante as entrevistas.*

*E por fim e não menos importante a minha família em especial aos meus pais e o meu irmão João, pelo apoio estrutural e no compartilhamento do cuidado com meu filho, elementos fundamentais para que pudesse concluir esta pesquisa. Destaco um agradecimento especial ao meu esposo Orlando pela atenção e a relevância dos momentos de estresse e a uma amiga que Deus me concedeu recentemente, mas que tem um papel importante Edna Mariano que foi aquela que suportou todos os meus desabafos e me incentivando a não desistir.*

## APRESENTAÇÃO

*Somos milhões de companheiros e companheiras buscando a libertação da terra, de homens e mulheres em um país onde a terra vale ouro e os seres humanos, alguns gramas de chumbo moldados em balas que fazem sangrar o destino do nosso povo sofredor!*

*Na arte de resistir às tentativas da destruição dos nossos sonhos, trincheiras da criatividade, se revela a rebeldia dos poetas e dos cantadores filhos da terra e da esperança no palco imaginário para onde marcham as colunas dos grandes guerreiros e lutadores sem terra.*

*A terra no seu suspiro nos abençoa e agradece através das nuvens de poeira provocadas pelos rígidos pés descalços que seguem destemidos, construindo esta grande irmandade de companheiros em busca da dignidade perdida. Seguimos cantando.*

*Na poesia do cantador se misturam o desejo da terra de homens na grande sinfonia da esperança que aponta o horizonte e o longe fica perto quando se caminha adiante.*

*As cordas movem paixões. O sentimento, as pulsações, o sonho de vencer, os corações. Cantar pois é mais que um prazer quando as vozes brotam de forças em movimento que ao som suave de belas melodias elevam foices e facões rompendo cercas, retirando morões para ver nascer o novo dia.*

*Assim a terra se converte em causa, a liberdade se converte em sonho, o grito forte se converte em guerra e o povo todo segue um só caminho na trilha estreita plantando futuro.*

*Que a noite escura da dor e da morte passe ligeira, que o som dos nossos hinos anime nossas consciências e que a luta redima nossa pobreza, que o amanhecer nos encontre sorridentes festejando a nossa liberdade.*

*Terra Sertaneja  
Ademar Bogo*

## **RESUMO**

A política de concentrações de terras no Brasil é algo histórico, pois faz parte da realidade socioterritorial do país desde o processo de ocupação colonial, sendo expressão dos erros e acertos das políticas implementadas ao longo dos anos. A partir desse contexto foram surgindo movimentos de luta por terras, que se inicia com as Ligas Camponesas e, atualmente, existem vários movimentos que lutam por essa questão. Exemplo disso é a Comissão Pastoral da Terra (CPT), mas entre os movimentos que lutam por estas causas o maior é o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). A partir da vivência em área de assentamento que gerou conhecimento sobre o MST, foi despertado o desejo de conhecer as formas de atuação do movimento. Assim, a pesquisa propõe entender as estratégias e táticas utilizadas pelo movimento na luta por terras. Desta forma, para o alcance dos objetivos propostos recorre-se aos fundamentos do método qualitativo, utilizando como principal recurso técnico a realização de entrevistas e análise de discurso, e com base nos resultados obtidos, percebemos que a luta do movimento é marcada por vitórias e derrotas que vão desde as conquistas de terras à falta de apoio do Estado.

Palavras-chave: Concentração de terras, Movimento Sem Terra, Reforma Agrária.

## **ABSTRACT**

The politics of land concentration in Brazil is something historical, it is part of the socio-territorial reality of the country since the occupation process, therefore being an expression of the wrong and correct policies implemented over the years. This context made fight for land movements be born, beginning with the Ligas Camponesas, and today there are several movements that fight for this issue. One example is the Comissão Pastoral da Terra (CPT), but among the movements that fight for these causes the largest is the Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). From the experience in a settlement area that generated knowledge about the MST, the desire to know the ways of the movement was awakened. Thus, this research proposes to understand the strategies and tactics used by the movement while fighting for lands. Therefore, in order to reach the objectives proposed by the fundamentals of the qualitative method, using as main technical resource the interview and discourse analysis, and based on the results obtained, it was perceived that the struggle of the movement is marked by victories and defeats that go from land conquests to lack of state support.

Keywords: Land Concentration, Movimento Sem Terra, Agrarian Reform

## LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Espacialização dos assentamentos na Paraíba.....	27
Mapa 02:Localização do assentamento José Antônio Eufrosino.....	30

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Capa do jornal da Pastoral da Terra representando a violência no campo.....	15
Figura 02: Capa do jornal da Pastoral da Terra representando a violência no campo.....	15
Figura 03:Email de solicitação do Plano de Desenvolvimento do Assentamento ao INCRA.....	29
Figura 04: Área do PDA José Antônio Eufrosino.....	32

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Perfil dos entrevistados.....	38
Quadro2:Modelo de transcrição e identificação das expressões – chaves.....	39
Quadro 02: Trajetória no movimento MST/ identificação das ideias centrais.....	40

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Assentamentos na Paraíba segundo as gestões administrativas do governo brasileiro após a redemocratização.....	26
--	----

## LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 01: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	59
Apêndice 02: Roteiro de entrevistas moradores do assentamento.....	61
Apêndice 03: Roteiro de entrevistas para militantes.....	62

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATECEL (Associação Técnico-Científica Ernesto Luiz de Oliveira Júnior)

CPT (Comissão Pastoral da Terra)

COONAP – Cooperativa Trabalho Múltiplo de Apoio às Organizações de Autopromoção

CUT (Comissão Única de Trabalhadores)

DSC (Discurso do Sujeito Coletivo)

FETAG (Federação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas da Paraíba)

INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária)

MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário)

MQ (Método Qualitativo)

MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)

PNRA (Plano Nacional de Reforma Agrária)

PRF (Polícia Rodoviária Federal)

PT (Partido dos Trabalhadores)

TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)

## SÚMARIO

<b>Introdução</b> .....	11
<b>1- Fundamentos geográficos da atuação dos movimentos sociais</b> .....	14
<b>2- MST na Paraíba: uma história de luta e resistência</b> .....	23
<b>3-Caminhos percorridos para caracterização do discurso do sujeito coletivo</b> .....	35
<b>4-O MST a partir da percepção do sujeito</b> .....	42
4.1 Análise das entrevistas com os moradores do Assentamento: O início das trajetórias no movimento MST.....	44
4.2 Análise das entrevistas com os militantes: Trajetória no movimento e sua participação na militância.....	49
<b>Considerações Finais</b> .....	54
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	56
<b>Apêndice</b> .....	58

|

## INTRODUÇÃO

A questão da desigualdade social e da concentração de terras no Brasil é algo histórico, sendo uma das principais consequências do processo de colonização realizado no território nacional pelos portugueses que, subjungando a cultura existente, implantaram um modelo de ocupação espacial pautado na exploração de recursos, escravidão dos nativos e incentivo a concentração de terras.

A implantação do modelo sesmarial em uma área de grande extensão territorial influenciou, portanto, na forma de apropriação do espaço, sendo este concentrado e condicionado ao tipo de vínculo mantido com a metrópole. Criaram-se, então, grandes espaços territoriais gestados por indivíduos indicados pertencentes a aristocracia rural que começava a se estruturar no território nacional.

Esta forma de gestão dos territórios, especialmente nos ambientes rurais, se desenvolveu ao longo de todo período colonial tornando-se o alicerce da forma de apropriação espacial implementada com o advento da república que manteve as relações históricas de propriedade da terra atrelada a importância social e econômica, excetuando-se deste contexto parte da sociedade historicamente excluída da partilha da terra, especialmente os camponeses, colonos, negros e nativos, a partir do desenvolvimento de práticas legais (repasso da terra por venda e o respeito à Lei da Terra em 1850, por exemplo) e ilegais (a exemplo da prática da grilagem que se configurava como usurpação imprópria das terras por fraude na comprovação do direito de posse).

Ao invés de promover uma retificação de uma herança histórica e perversa de exclusão do acesso a posse da terra, a Lei de Terras (1890) ratificou a forma historicamente estabelecida de concentração fundiária ao permitir as bases legais para a prática da grilagem (apropriação das terras devolutas através de documentação forjada) contribuindo, assim, com a formalização das bases para a desigualdade social e territorial ainda existente.

O descontentamento com estas práticas resultou na ocorrência de diversos movimentos libertários do final do século XIX a meados do século XX tendo como uma das bandeiras o direito a posse da terra em diferentes regiões do País através da realização de contínuos conflitos e eventos que proporcionaram a origem do campesinato no Brasil a partir da segunda metade do século XX.

Com o advento do golpe militar (década de 1960), a exemplo do que ocorreu com diferentes segmentos da sociedade brasileira, a situação dos camponeses foi se agravando na medida em que foram privados dos direitos de expressão, reunião, organização e manifestação impostos pela Lei de Segurança Nacional e do Ato Institucional n.5, no final da década de 1960.

Que práticas, nesse contexto, a implantação de um modelo agrário mais concentrador e excludente, decorrente da tecnificação do campo (modernização agrícola), fragilizando as práticas dos camponeses e impulsionando o êxodo rural e a exportação em detrimento da reestruturação produtiva no campo, a dependência fundiária e financeira e a perda de direitos sociais por parte dos trabalhadores do campo. Tal situação criou um descontentamento generalizado de grande parte da Igreja Católica que, através da Comissão Pastoral da Terra - CPT, passou a auxiliar os camponeses na estruturação da Luta pelo acesso à terra.

O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) é fruto deste contexto. Inconformados com a histórica implementação da legislação portuguesa como fundamento da apropriação das terras no Brasil, - através das quais se estruturou o discurso da hereditariedade, prática de enfiteuse e concentração de terras, e auxiliados pelas pastorais da Terra - um grupo de camponês, historicamente expropriado do direito à terra, se mobilizarar pela luta da apropriação das terras devolutas e sem função social.

O MST teve seu embrião no final da década de 1970, decorrente da intensificação do modelo agrícola adotado pelo Estado brasileiro, que resultou na realização de ocupações em diversas partes do território nacional tendo como ações pioneiras no Rio Grande do Sul através da ocupação das granjas Macali e Brilhante (setembro de 1979) e a ocupação da Encruzilhada natalino (1981), tendo esta última se tornado símbolo da luta e resistência contra a ditadura militar

O presente trabalho monográfico foi pensado com a perspectiva de analisar as estratégias e táticas utilizadas por esse movimento na luta pela conquista da terra. Portanto, deixaremos aos historiadores o desafio de contextualizar os eventos históricos que precederam a origem do MST e brevemente pontuados acima. O desafio ao qual convidamos o leitor a uma reflexão sobre a análise de discurso de integrantes do movimento que representam tanto o posicionamento da coordenação do movimento, como o posicionamento dos assentados.

Para isto, dividimos a pesquisa em quatro capítulos. No primeiro capítulo (Fundamentos geográficos da atuação dos movimentos sociais) realizamos uma contextualização de como se iniciou as questões de lutas por terras no Brasil. No segundo (MST na Paraíba: uma história de luta e resistência), contextualizamos como se iniciou os movimentos de lutas por terras no Estado da Paraíba decorrente das Ligas Camponesas e, consecutivamente com a CPT, até chegar à atuação do MST no mesmo. No terceiro capítulo (Caminhos percorridos para caracterização do discurso do sujeito coletivo), contextualizamos a análise de discurso do sujeito pesquisado, ao tempo em que no último dedicamos uma atenção especial para análise das entrevistas.

# Capítulo 1

## Fundamentos geográficos da atuação dos movimentos sociais

*“Deve haver algum lugar  
Onde o mais forte não  
Consegue escravizar quem  
Não tem chance”  
Renato Russo*

Os movimentos em busca de conquistas de terras sempre foram marcados pela existência de muita violência sendo ainda hoje uma realidade presente em diversos locais do Brasil aonde grupos de indivíduos se unem pela Luta pelo direito à Terra (Figuras 1 e 2).



Figura 01: capa do jornal da Pastoral da Terra em uma das edições no ano de 2015 representando a violência no campo



Figura 02: capa do jornal da Pastoral da Terra em uma das edições no ano de 2016 representando a violência no campo

A luta por terras é algo que acontece há décadas e tem como objetivos de luta a realização da reforma agrária, gerando consequentemente a regularização das desigualdades no campo, onde prevalecem latifúndios que são, na maioria das vezes, improdutivos e irregulares, contrastando com uma população de trabalhadores rurais que lutam por terras para residirem e trabalharem juntamente com a suas famílias. Desta forma, surge uma disputa por território entre a reforma agrária e o próprio sistema econômico - o capitalismo -, ambos buscam exercer um poder no espaço.

Fernandes (2001 *apud* Fernandes 2008b) aborda a questão agrária “como um problema estrutural do capitalismo”, considerando esta como parte a própria lógica do sistema capitalista:

É parte de sua própria lógica de desenvolvimento, gerando processos de diferenciações e desigualdades, expulsões e expropriações,

excluindo ou subalternizando, destruindo e recriando o campesinato. Por essa razão, as relações entre campesinato e capital são de conflitualidades permanentes e explicitadas, de um lado, pela subalternidade do campesinato ao capital e pelo poder que o capital tem, de acordo com os seus interesses, de destruir e recriar o campesinato e, de outro lado, pela resistência do campesinato em determinar sua própria recriação por meio das ocupações de terra (FERNANDES, 2008a *apud* FERNANDES 2008b p.75)

Colaborando com afirmação do autor as questões da reforma agrária e dos movimentos sociais surgem em função da própria política do sistema econômico que tem com estrutura o acúmulo de capital, a divisão de classes, a exclusão e exploração dos mais pobres e privilégios aos mais ricos, em contraste a isso entra no contexto os movimentos sociais entre estes os movimentos dos trabalhadores do campo que lutam contra essas situações de exclusão e desigualdades criadas pelo o sistema capitalista.

A Lei 4.504 de 30 de novembro de 1964 regula os direitos e obrigações concernentes aos bens imóveis rurais, para os fins de execução da Reforma Agrária e promoção da Política Agrícola, a qual define reforma agrária no Art. 1º parágrafo 1º como um “conjunto de medidas que visem a promover melhor distribuição da terra, mediante modificações no regime de sua posse e uso, a fim de atender aos princípios de justiça social e ao aumento de produtividade”.

De forma geral, a reforma agrária surge com o princípio de promover a igualdade no campo e a regulamentação de propriedades que não desempenham uma função social, segundo a Lei 4.504 Art. 2º parágrafo 2º, que informa que as propriedades desempenham um papel social quando favorecem o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores que nela labutam, assim como de suas famílias; mantém níveis satisfatórios de produtividade; assegura a conservação dos recursos naturais; observa as disposições legais que regulam as justas relações de trabalho entre os que a possuem e a cultivem.

A desapropriação destaca-se entre as diferentes formas de obtenção de terras, sendo concretizada a partir de um processo realizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), instância governamental responsável pela realização das regularizações das áreas da Reforma Agrária.

Atualmente o INCRA está presente por todo o país, tendo a função de realização de pesquisa por propriedades que estejam condizentes com os critérios estabelecidos para a realização do processo de desapropriação. Os movimentos sociais que

reivindicam pela reforma agrária também podem indicar nomes de propriedades para a entrada do processo de avaliação, podendo estas virem a ser desapropriadas.

Existem áreas com prioridade em relação às outras neste processo, essas áreas são selecionadas de acordo com os critérios da Portaria MDA/Incrá nº 06/2014 elaborado a partir do art. 2º da Lei nº 8.629 de 25 de fevereiro de 1993 “como maior quantidades de famílias na área rural em condições de extrema pobreza, áreas com maior concentração fundiária e existência de outros projetos do Poder Público para avanço das condições sociais e econômicas locais” (INCRA, 2017).

Depois do reconhecimento da propriedade como irregular de acordo com os critérios pré-estabelecidos, o INCRA inicia um processo de desapropriação, onde é realizada a compra, o pagamento e regularização da posse. Após a realização desse processo é iniciado um novo que visa a realização da seleção das famílias cadastradas pelo INCRA.

A seleção é feita de acordo com os critérios estabelecidos na Portaria MDA/Incrá nº 06/2014, não poderão ingressar em áreas de assentamentos quem:

- For servidor ou exercer função pública, autárquica, em órgão paraestatal ou se achar investido de atribuições parafiscais;
- Estiver sido excluído ou ter se afastado do programa de reforma agrária, de regularização fundiária ou de crédito fundiário sem consentimento do seu órgão executor, salvo em caso de separação judicial;
- For proprietário, quotista ou acionista de sociedade empresária em atividade e;
- For menor de 18 anos, não emancipado na forma da lei civil.

Os movimentos de luta por terra, além das dificuldades já citadas anteriormente, ainda contam com a falta de apoio dos governos e do próprio sistema econômico.

Os militares estiveram no poder em diferentes períodos históricos e, em 1964, retornam ao poder através do Golpe Militar. Houve nesse momento uma destruição em massa dos movimentos camponeses e de lutas por terra, tentaram controlar as lutas por terras através de conflitos violentos. Muitos participantes desse movimento não aguentaram a pressão do governo militar, e acabaram saindo do Brasil (FERNANDES, 2000).

Mais à frente assume o governo do Brasil José Ribamar Ferreira de Araújo Costa, mais conhecido como Sarney. Estendendo-se entre os anos de 1985 a 1989.

Durante este governo surge o I PNRA – Primeiro Plano Nacional de Reforma Agrária, o mesmo tinha como proposta instalar em áreas de assentamentos 1.400.000 famílias, mas isso aconteceu com apenas 125 mil famílias, menos de 10% do que era proposto pelo plano.

Após o governo de Sarney, assume o poder político do país Fernando Collor de Melo, marcado pelo enfrentamento dos movimentos, mas mesmo dentro dessas circunstâncias 28.479 famílias conseguiram ser assentadas. O mesmo passou pelo processo de impeachment sendo substituído pelo vice Itamar Franco, que iniciou um processo de aceitação com os movimentos de luta por terra durante o seu governo, que durou dois anos, 1993 e 1994. Durante este tempo houve um crescimento no número de famílias assentadas, sendo neste governo um total de 34.320 famílias (ROCHA, 2009).

A partir desse momento se inicia um aporte maior nas questões relacionadas a luta por terra. Após o governo de Itamar Franco, assume o poder político Fernando Henrique Cardoso, mais conhecido por FHC, que se manteve no poder por dois mandatos consecutivos nos anos de 1995 a 2002. Na sua primeira gestão, continuou o crescimento do número de famílias assentadas que tinha se iniciado na metade da gestão anterior, somando na primeira gestão um total de 245.408 famílias assentadas (ROCHA, 2009; SANTOS, 2010). Mas durante a sua segunda gestão essa realidade muda, se inicia um processo de repressão aos movimentos de luta por terras através da Medida Provisória 2109-52 elaborada no ano de 2001, “que impedia a desapropriação de áreas ocupadas e tirava dos eventuais ocupantes o direito constitucional à reforma agrária” (SANTOS, 2010). O trecho a seguir deixa bem claro as causas que levou o governo a optar por essas atitudes:

“Diante da incapacidade de derrotar politicamente o MST durante o primeiro mandato, o governo FHC decidiu alterar suas táticas. Se antes as armas eram a propaganda das ações do INCRA e a crítica aos métodos do MST - visando convencer a população de que o governo estava fazendo sua parte e o MST era radical - a partir deste momento, o governo muda suas armas, passando a centrar suas ações em duas frentes: intensificação da repressão, através da criminalização das ações do movimento e da perseguição de suas lideranças; alteração das regras da política de obtenção de terras e de financiamento da produção, de modo a minar as duas fontes básicas de oxigenação do movimento, qual sejam, a concretização da desapropriação das terras ocupadas e o bom desempenho de alguns assentamentos vinculados ao MST, diante da situação de penúria generalizada da agricultura familiar” (ALENTEJANO 2004 *apud* SANTOS 2010).

Após o governo de FHC se inicia a gestão de Luiz Inácio Lula da Silva (Lula). O seu governo (2003 a 2010) foi marcado pela viabilização de assentamentos através da implantação do IIPNRA, “o assentamento de 400 mil novas famílias, através de desapropriações, mais 500 mil famílias beneficiadas pela regularização fundiária e 150 mil pelo Crédito Fundiário, ou seja, pela compra de terra” (ROCHA, 2009).

O grande problema do governo Lula nesse contexto era a tentativa de ser aliado dos dois lados: tanto da reforma agrária, como do agronegócio, provavelmente para evitar perder sua credibilidade com os movimentos sociais que deram grande apoio para sua eleição ao cargo da presidência, e o apoio ao agronegócio para estabelecer boas relações com a burguesia, que é composta por grandes produtores rurais e latifundiários que são contra os movimentos sociais rurais.

Em diferentes momentos são várias as dificuldades enfrentadas pelos movimentos de luta por terra. Além das pressões pelos proprietários das terras e do Governo, ainda existe a questão da disputa por espaço para exercer seu poder com o sistema capitalista, que tem como principal objetivo o acúmulo capital, formando uma divisão de classes explorando as mais baixas, o que acarreta vários problemas sociais, e estes não ficam restritos apenas ao meio rural, se estendem desde ao meio urbano também no contexto social, como é abordado por (PEDON, 2009 pág. 182):

Na cidade e no campo, a disputa pelos territórios se manifesta por meio das lutas por moradia e pela terra. Essas disputas são representativas de um modelo de organização Socioterritorial regulado pelos princípios capitalistas da acumulação, e tem como consequência a exclusão da maior parte da população urbana e rural da riqueza produzida (o que configura o processo de exclusão) e dos processos decisórios (o que configura o processo de subordinação)

Em resposta às ações desse sistema econômico tão nefasto surgem os movimentos sociais formados pelas classes excluídas da sociedade, como os movimentos socioterritoriais. Pedon (2009) afirma que “o movimento socioterritorial pode ser considerado como uma forma de organização da classe trabalhadora, tendo por base os grupos populares ou as camadas populares excluídas e subordinadas”, tendo como objetivo conquistar territórios, como por exemplo os movimentos dos sem terras e dos sem tetos, ambos com o mesmo propósito da conquista, porém em ambientes diferentes, no meio urbano com o movimento dos sem tetos, a luta é por moradia, e no caso dos sem terras, no meio rural, são lutas pela conquista de terras.

Os movimentos socioterritoriais que se desenvolvem a partir das problemáticas vividas pelas classes populares no espaço

das cidades vão conformar suas agendas de acordo com a comunicação e a interação proporcionada pelas mobilizações, estas têm na busca pelo “teto” seu propósito basilar. Da mesma forma, ocorre com os sem terra. A preposição sem, designa ausência de lugar, sugere o sentido de privação, da falta e da exclusão” (PEDON, 2009, pág. 186).

No meio rural os movimentos socioterritoriais surgem em busca de conquista de terras em contrapartida a ausência de uma política de reforma, sendo os locais de assentamentos deficientes de infraestrutura e equipamentos necessários.

Foi inserido neste contexto que surgiu o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que nos últimos 20 anos tem se articulado em todas as regiões do país dando força as lutas em prol da reforma agrária, e, como o próprio nome já menciona, esse movimento é composto por trabalhadores rurais que lutam contra as desigualdades no campo e a concentração fundiária. Têm-se registrado o ano de 1984 como seu ano de fundação, a partir de um encontro realizado na cidade de Cascavel no estado do Paraná, mas desde o ano de 1978 esse grupo realizava ações (FERNANDES, 2000 *apud* FERNANDES, 2008).

O MST surge de início como o movimento dos trabalhadores rurais e movimento camponês, que também busca uma disputa territorial. Esses dois movimentos acabaram se agregando, aumentando assim a popularização do MST (FERNANDES, 2005 *apud* FERNANDES, 2008). Este surge com o propósito de ser um movimento autônomo, sem a dependência de governos e partidos, mas emerge com o apoio de algumas instituições como Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Partido dos Trabalhadores (PT) e auxilia no crescimento das mesmas (FERNANDES, 2008).

Os movimentos de luta por terra demandam de várias estratégias de lutas como protestos, caminhadas, fechamento de estradas. Um marco nas trajetórias de lutas do MST são os acampamentos, considerados pelos movimentos como espaços privilegiados de formação dos futuros assentados (CALDART 2004 *apud* FIGUEIREDO & PINTO, 2014) onde são construídas barracas de lonas, nas propriedades que visam ser desapropriadas ou nas margens das rodovias próximas a essas propriedades como uma forma de protesto e de pressionar o governo a tomar as medidas cabíveis.

Os acampamentos podem ser construídos na área que se pretende transformar em assentamento, ou à margem de rodovias, do lado de fora das fazendas, etc... Cada um deles demanda estratégias de

sobrevivência diferentes, mas todos visam explicitar a luta, pressionar governos e mobilizar a opinião pública sobre a questão da terra (CALDART 2004 *apud* FIGUEIREDO & PINTO, 2014 pág. 563)

Um dos grandes problemas do acampamento é o risco que a população integrante é submetida, a exemplo dos ataques por trabalhadores das fazendas a mando de seus patrões como uma tentativa de repreender o movimento; a repreensão da polícia e aos que estão fixados nas margens das rodovias estão sujeitas a um risco a mais que é um carro perder o controle e atingi-las (FIGUEIREDO & PINTO, 2014). Além desses perigos, os integrantes de acampamentos enfrentam questões de sobrevivência como a alimentação, porque se mantém através de doações, algo que não é feito em grandes quantidades devido ao receio da população a esse grupo.

Outro problema é a grande quantidade de pessoas que dependem dessas doações, então na maioria das vezes essas pessoas passam fome, além das dificuldades com acesso a água potável e a ausência de esgotamento sanitário, aumentando a vulnerabilidade na aquisição de doenças.

Ao abordar a temática de movimentos de luta por terra é interessante uma breve discussão sobre o conceito de Território, visto que é o principal objetivo de luta desses movimentos. Segundo discussões realizadas por alguns autores, o território tem como origem o espaço, sendo praticamente uma classificação do espaço, ou seja, território pode ser entendido como um nome destinado a uma forma de utilização do espaço, algo que pode afirmar isso é a frase utilizada por Raffestin, 1993 *apud* Sousa, 2000 para quem “O espaço é anterior ao território”.

O espaço é o conceito-chave da Geografia, entendido por Milton Santos como “o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 1996 *apud* PEDON, 2009).

Em um levantamento conceitual sobre a definição de território, Coelho Neto (2013) aborda que o conceito de território é praticamente igual onde é discutido, apresentado, na maioria das circunstâncias, como uma área, parcela do espaço que é controlado por uma autoridade política-administrativa que, na maioria das vezes, é entendida como o Estado, como definido por Sousa (2000) “o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”.

A partir dessa afirmação entendemos que o território vai existir a partir da apropriação do espaço que corresponde à ocupação do mesmo para desenvolvimento de

atividades típicas de determinado grupo, e dessa ocupação surgirão várias relações de poder sendo isto o que diferencia Território de Espaço.

A partir do conceito de território surge um novo conceito que é o de territorialidade, o qual podemos entender como as características e organização de um território construídas através da ocupação ou do controle do mesmo por determinado grupo, ou seja, as ações de poder desenvolvidas no território. Soja (1971) deixa isso bem claro quanto a concepção de territorialidades:

Um fenômeno de comportamento associado à organização do espaço em esferas de influência ou em territórios nitidamente delimitados, que assumem características distintas e podem ser considerados, pelos menos em parte, como exclusivos de quem os ocupa e de quem os define (SOJA, 1971 *apud* COELHO NETO, 2013 pág. 26).

No contexto dos movimentos de lutas por terras a ocupação é uma das formas de conquista muito utilizada por esses movimentos, pode ser entendida como uma territorialidade que através dela determinado grupo desenvolve suas ações culturais em um determinado território, “a ocupação é vista como algo gerador de raízes e identidades” (SOUZA, 2000).

A partir das discussões elencadas percebemos o quanto as questões do estudo dos movimentos de lutas por terras estão ligadas a Geografia, devido terem como estratégias de lutas a ocupação do espaço que, a partir disso, geram relações de poder, transformando o espaço em território, e a partir da organização desse território surgiram territorialidades, através da ocupação onde, como já foi abordado anteriormente, podem surgir identidades, transformando o território, para muitos, em lugar. Desta forma, percebemos o envolvimento do assunto com conceitos considerados conceitos-chaves da ciência geográfica.

## Capítulo 2

# MST na Paraíba: uma história de luta e resistência.

*“É o povo em movimento  
contra as cercas da concentração  
com um sorriso de felicidade  
e a história na palma da mão”*

*Terra e Raiz*

*Oficina Nacional dos Músicos do MST*

A luta por terra na Paraíba se inicia antes da chegada do MST, através das Ligas Camponesas em 1950, com destaque para a Liga de Sapé, sendo estas posteriormente espalhadas por todo o Estado.

Em 1961, na cidade de João Pessoa, surge a Federação dos Trabalhadores na Agricultura da Paraíba (FETAG) formada por um conjunto de ligas presentes no estado, esta organização, por adotar um posicionamento político contrário aos interesses dos latifundiários, passou a sofrer ações violentas em 1964 devido a intervenção militar diminuindo o seu processo de atuação.

Por volta dos anos de 1970 e 1980 as lutas no campo ressurgem, agora com o apoio da Igreja Católica que antes era a favor dos latifundiários. A partir desse apoio surge a Comissão Pastoral da Terra – CPT (OLIVEIRA, 2010). “Essa organização, para foi fundamental no processo de construção de uma visão social e política dos grupos de trabalhadores rurais no Estado da Paraíba e no campo nordestino em geral” (PEREIRA, 2009 *apud* OLIVEIRA, 2010).

Ao final da década de 1980 o MST chega à Paraíba com uma nova forma de luta por terras e acelerando o processo de reforma agrária no estado. O MST surge através de todo um contexto de lutas por terras no Brasil, sendo “fruto do processo histórico de resistência do campesinato brasileiro, tendo a sua formação iniciada num espaço social conquistado pelas diversas experiências das lutas populares” (FERNANDES, 2000, p.49) tornando-se, em meados do século XXI, o movimento social rural mais atuante nos Estados da Região Nordeste ao estabelecer ações em 8 dos nove estados da região (COCA, 2008 pág. 25).

De acordo com Coca (2008) a região do Nordeste é a que possui na atualidade a maior quantidade de assentamentos no país, correspondendo a 45,06% do total, e no que se refere ao contexto de ocupações, sendo esta considerada uma estratégia de grande importância realizada pelos movimentos de luta por terra, mais especificamente do MST, para a formação de assentamentos.

O Nordeste tem um saldo de 36,69% do total de ocupações realizadas no Brasil, com destaque para o estado de Pernambuco com 15,86%, neste ranking a Paraíba aparece em quarto lugar nas ocupações com uma porcentagem de 6,03%, e no que se refere ao número de famílias assentadas cai para a quinta colocação apresentando 16.839 famílias assentadas, que corresponde a 4,69% das famílias em áreas de

assentamento no Nordeste, ficando atrás dos estados de Pernambuco, Bahia, Alagoas e Sergipe (COCA, 2008).

Na Paraíba, a consolidação do MST surge a partir da participação de alguns trabalhadores rurais no primeiro congresso realizado pelo mesmo e a partir de uma ocupação de terra realizada por 150 famílias em Abril de 1989 na fazenda Sapucaia, na cidade de Bananeiras, que tinha como proprietário Camilo Oliver Cruz. Até este momento “os camponeses recebiam o apoio, em sua luta de resistência e ocupação, a princípio da Pastoral Rural que se trata atualmente da Comissão Pastoral da Terra (CPT)” (SILVA, 2015, pág. 32).

Quando houve o processo de ocupação da área do assentamento, há dois anos estava em execução na justiça o processo de desapropriação, e, mesmo dentro dessas circunstâncias, o grupo de trabalhadores estava sofrendo represália de grupos fortemente armados e, em um desses ataques, uma criança de dez meses morreu pisoteada:

Apesar de toda violência, os militantes permaneceram acampados numa área próxima da fazenda. Nada foi definido pelo governo, em termos de desapropriação da área. Com o passar do tempo, as famílias da militância juntaram-se a outras famílias que já viviam no local e juntas ocuparam a fazenda Maniçoba, no município de Esperança, onde esperaram pela emissão da posse da terra. As tentativas de despejo e dispersão não resultaram em nada, pois as famílias resistiram, e dessa forma suas histórias registraram o princípio da formação do Movimento (LAZZARETTI 2003, *apud* FONSECA & LIMA, 2009 pág. 08).

Segundo dados do Instituto Nacional de Reforma Agrária - INCRA, existem 313 assentamentos sendo mais antigo o assentamento Maria Morais, localizado no município de São Sebastião de Lagoa de Roça, fundado no dia 06 de julho de 1984. Os mais recentes são Emiliano Zapata e Imaculada, ambos na cidade de Sousa, fundados em 03 de fevereiro de 2017 (INCRA, 2017). A figura 03 apresenta um panorama da formação de assentamentos paraibanos até o ano de 2016 por governo federal:

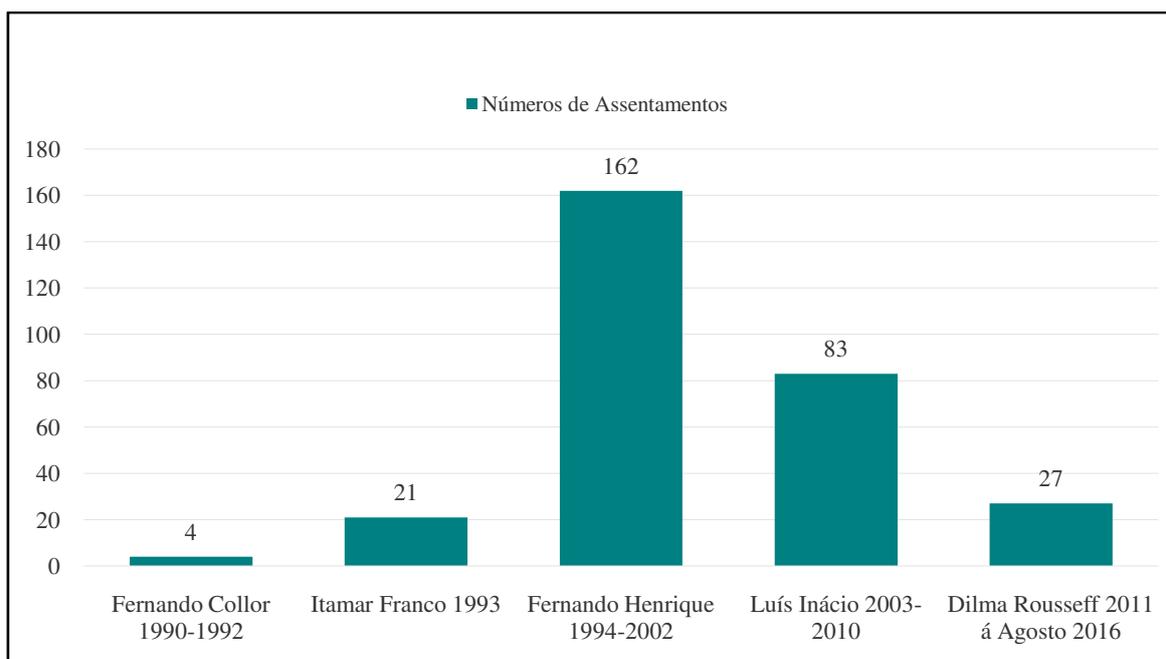


Gráfico 1: Assentamentos na Paraíba segundo as gestões administrativas do governo brasileiro após a redemocratização.

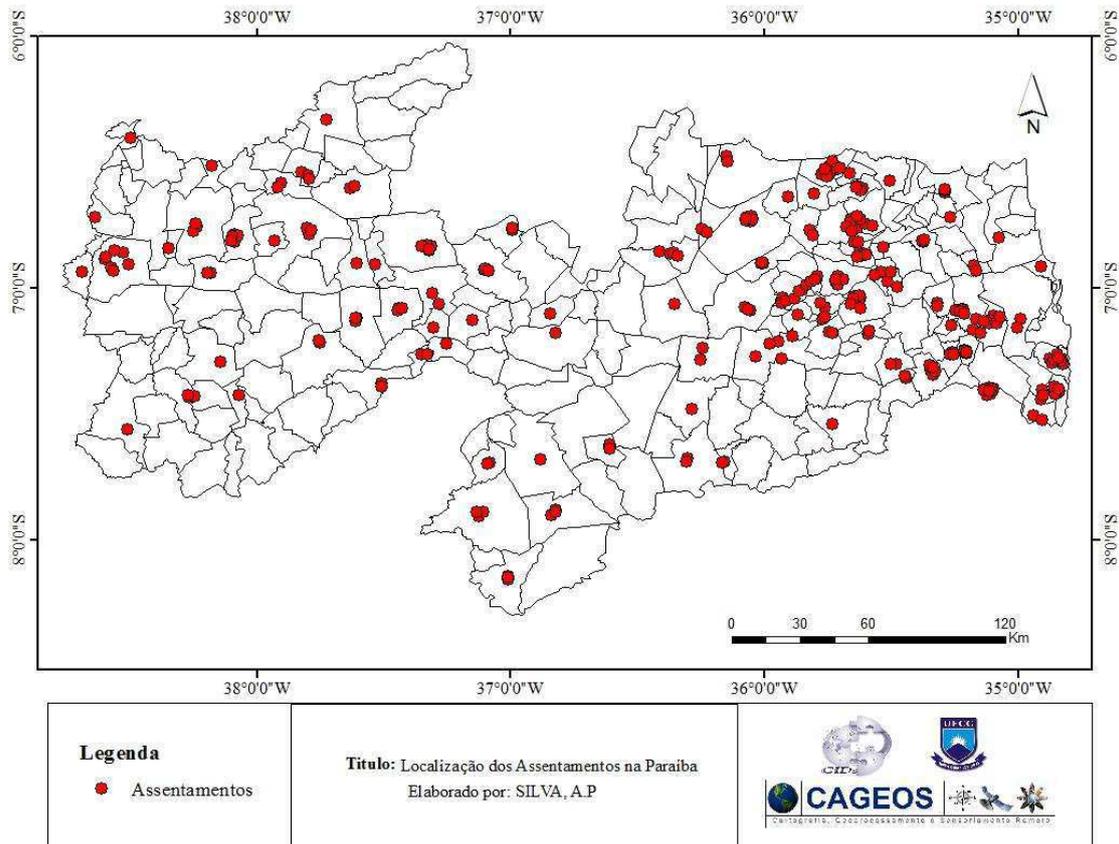
Fonte: INCRA, 2017

Ao refletirmos sobre os dados apresentados (Gráfico 1) podemos perceber que a gestão que mais criou assentamentos foi a do Presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), embora este governo tenha desenvolvido uma política extremamente neoliberal, o que deve ter influenciado neste processo foi a sua base, pois o mesmo era formado em Sociologia, tendo, assim, uma visão diferenciada sobre as necessidades da sociedade. Apesar disso as conquistas foram também influenciadas por fortes ações de resistências em escala nacional a exemplo a ocupação de Eldorado dos Carajás.

Realizando uma comparação em relação ao Governo de Luís Inácio (Lula), que foi o segundo mais importante neste quesito, podemos perceber que o governo FHC teve quase o dobro de formações de assentamentos, isso foi um grande problema para o governo Lula visto que a sua base foi construída através do apoio dos movimentos sociais e ao assumir a presidência era esperado um apoio maior do mesmo aos movimentos, o que acabou não acontecendo, assim havendo um processo de continuidade da política neoliberal onde antes era esperada uma revolução com a reforma agrária no campo e nas cidades a reforma urbana.

Em relação as outras gestões podemos perceber que Dilma Rousseff em uma gestão e meia, totalizando pouco mais de dois anos, criou 27 assentamentos,

comparando com a gestão de Itamar Franco que foi de apenas um ano, o mesmo criou 21 assentamentos, percebemos assim que Dilma Rousseff não seguiu uma trajetória diferente do governo Lula, mantendo a produção do campo praticamente restrita aos agroprodutores. Atualmente o Estado conta com 313 assentamentos distribuídos em seu território (Mapa 1)



Mapa 01: Mapa de espacialização dos assentamentos no Estado da Paraíba

A atuação do MST na Paraíba é marcada por histórias de resistência traçada em meio a grandes ações contra o movimento, que partem das ações dos fazendeiros e grandes proprietários de terras, associada a falta de apoio político do Estado, entre as quais destaca-se o “caso de Pocinhos” que faz referência a uma ocupação realizada em Pocinhos –PB que se iniciou no dia 1º de Maio do ano de 2009.

O movimento foi realizado por 60 famílias para ocupação da fazenda Cabeça de Boi, cujo processo de desapropriação para uso da reforma agrária já tinha sido realizado desde o mês de dezembro do ano anterior a ocupação. A ação se inicia as 22 horas do dia 1º de Maio e por volta da meia noite as famílias são surpreendidas por um grupo de homens armados que disparam tiros contra as pessoas que estavam participando da

ocupação que evadiram-se em meio a vegetação e rochas do local escondendo-se, mas sete pessoas ainda foram capturadas, as mesmas foram torturadas das piores formas possíveis como é citado por (ADISSI, 2015 pág. 94):

As agressões ao sem-terra, foram de todos os tipos: socos, chutes, queimaduras, ataques verbais e ameaças de morte para todos. Os homens mascarados incendiaram o carro de um militante do movimento que estava no local e despejou querosene nos corpos dos sem-terra ameaçando queimá-los vivos. Um dos sem-terra torturado é trancado num quarto, do que foi outrora a casa dos caseiros da propriedade e, em seguida, atearam fogo no interior da casa, no entanto, o membro do MST conseguiu escapar por uma janela.

As agressões foram realizadas a mando do irmão da proprietária e a própria proprietária que em alguns momentos das agressões estavam presentes, além da suspeita de envolvimento de policiais que foram reconhecidos pelos trabalhadores sem-terra.

As agressões chegam ao fim após os reféns serem colocados no ônibus que tinha sido usado para transportar as famílias que participaram da ocupação e seguir pela BR 230, sendo abordado pela Polícia Rodoviária Federal – PRF que levaram os trabalhadores para o posto da polícia no local e foram identificados e transferidos para a delegacia de Campina Grande.

De lá, após depoimentos, são liberados cinco, e dois são presos em flagrante pelos crimes de esbulho possessório<sup>16</sup>, incêndio, e apenas contra um deles, o crime de porte ilegal de arma de fogo. Os dois militantes são levados a Delegacia de Pocinhos, onde ficam presos, por três dias, e em seguida são transferidos para presídio em Campina Grande, onde ficam até o dia cinco de junho. Após os trinta e três dias de reclusão, é concedido o direito aos trabalhadores rurais de responderem as acusações em liberdade. Durante esses dias que os trabalhadores estiveram presos, ocorreram muitas atividades de denúncia quanto ao Caso. O MST interrompeu o tráfego de veículos em cinco pontos de estradas federais e estaduais que cortam o estado da Paraíba, distribuindo panfletos sobre o caso. Diversas entidades da sociedade civil, como sindicatos, movimentos sociais, organizações não governamentais (ONG's), entidades e comissões de direitos humanos, setores estudantis, e setores da igreja católica, participaram de comitês, atos públicos, e difundiram documentos de repúdio à ação da Justiça e da Polícia da Paraíba, e pediam a libertação dos integrantes do MST (ROJAS & ADISSI, 2011 pags. 26 e 27).

Nos processos que atualmente não foram encerrados em relação as agressões, consta o caso de um dos militantes, que já tinha problemas de saúde e os mesmos foram agravados, vindo a óbito em 2014, e em relação aos agressores houve investigações, mas ninguém respondeu pelas ações.

A fazenda onde se iniciou essa história de luta por terra em fevereiro de 2011 foi transformada em assentamento onde residem 20 famílias, o qual tem o nome de 1º de maio que faz referência ao dia que se iniciou a luta pela terra e as agressões sofridas pelos militantes que participaram da ocupação (ADISSI, 2015).

Em conversas indiretas com moradores do assentamento que estão presentes desde a época de acampamento, eles informaram que o PDA foi elaborado no ano de 2002 em uma parceria entre o INCRA e a Associação Técnico-Científica Ernesto Luiz de Oliveira Júnior – ATECEL. Recorremos a informações na ATECEL, mas no local me relataram que eles elaboram o documento e entregam ao órgão responsável, no caso, o INCRA, e não são arquivadas cópias na empresa. Foi solicitado o documento ao INCRA através de ofícios e diretamente a funcionários do mesmo via e-mail, mas em nenhuma das tentativas obtive resposta satisfatória.



Figura 03: email de solicitação do Plano de Desenvolvimento do Assentamento ao INCRA

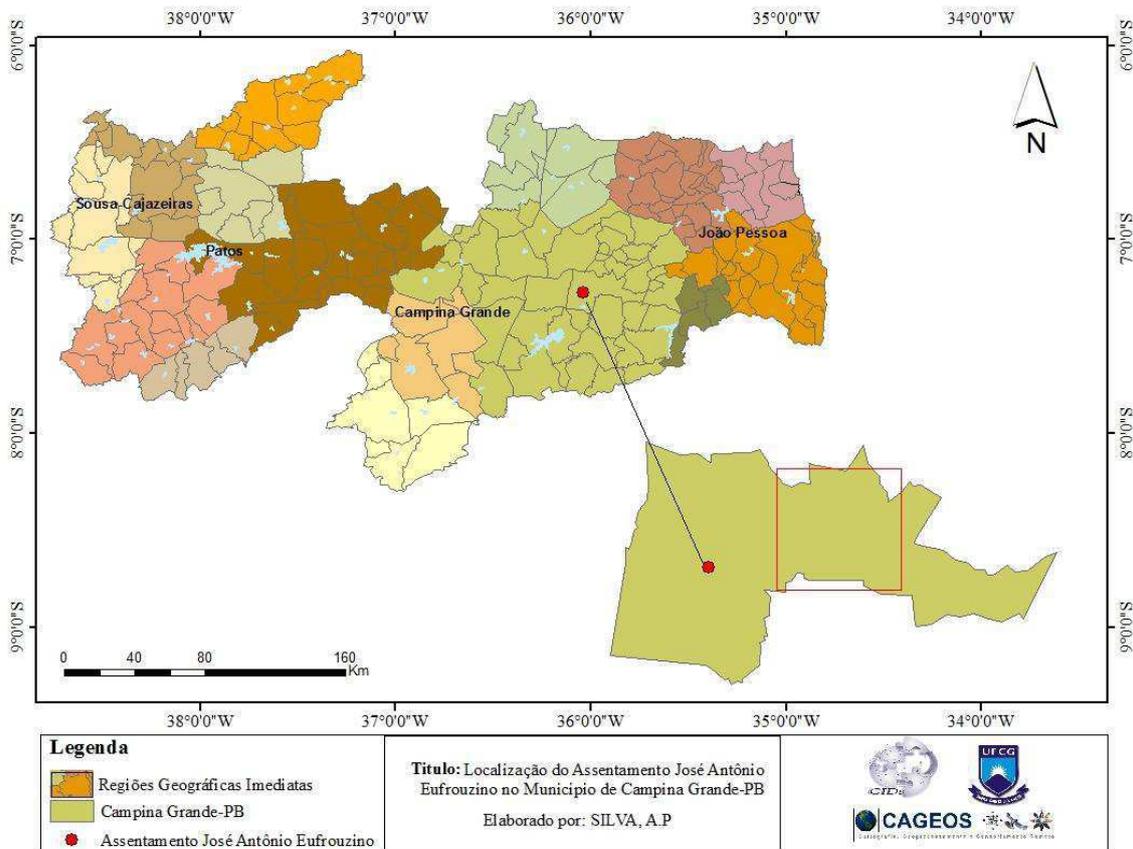
A PDA é elaborada respeitando um conjunto de normas, é “regulamentado pela Instrução Normativa nº 02 de 20 de março de 2001, fundamentada nas Leis 4.504, de 30 de novembro de 1964, e 8.629 e respectivas alterações, introduzidas pela Medida Provisória 2.109-49, de 23 de fevereiro de 2001” (BRASIL, 2002 *apud* MIRANDA, 2007) no documento encontra-se todas as informações sobre o assentamento contexto histórico de formação, dados das famílias assentadas, dados técnicos da área e outros dados, como é exposto:

O PDA apresenta dados técnicos da área, como a localização e acesso, as condições ambientais e climáticas, os sistemas produtivos

adequados à região, os serviços necessários ao apoio da produção e a capacitação técnica, e informações básicas das famílias assentadas, como o histórico da ocupação da área, o perfil etário e escolar dos assentados e os tipos de organização sociais existentes (BRASIL, 2002 *apud* MIRANDA, 2007).

Entre os assentamentos existentes na Paraíba está o assentamento José Antônio Eufrosino está localizado na porção semiárida do Município de Campina Grande-PB, (BRASIL, 2002 *apud* MIRANDA & CUNHA, 2007). Criado no ano de 2001, mediante a desapropriação das fazendas Monte Alegre, Castelo, Bonfim e Logradouro, ofertadas ao INCRA pelo antigo proprietário. Diferente do que ocorre na maioria das ocupações realizadas na Paraíba, a ocupação da área que hoje corresponde ao assentamento José Antônio Eufrosino ocorreu de forma pacífica, foi comandada por lideranças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da Federação dos Trabalhadores da Agricultura (FETAG).

Mapa de localização do assentamento José Antônio Eufrosino



Mapa 02: localização do assentamento José Antônio Eufrosino

O mesmo é composto de uma área que conta 3.144 há (figura 3) e está situado as margens da estrada que liga a cidade de Campina Grande ao Município de Boa Vista e se até estende por 16 Km até o Distrito de São José da Mata, distando 13 Km da zona urbana do referido município. Sendo asfaltado todo o percurso até o distrito de Catolé de Boa Vista (CUNHA et. Al, 2006; COONAP, 2014). As famílias que buscaram moradias no assentamento partiram de diferentes áreas sendo que mais a maioria foram de um acampamento que fica próximo do assentamento José Antônio Eufrosino como afirma (CUNHA et. Al, 2006 *apud* MIRANDA & CUNHA, 2007 pag.04):

A maioria das famílias assentadas estava acampada no Assentamento Venâncio Tomé de Araújo (nas antigas fazendas Quixaba e Trapiá) e se deslocaram para as áreas das fazendas Monte Alegre, Castelo, Bonfim e Logradouro depois de um acordo com o INCRA. As famílias ligadas ao MST haviam sido mobilizadas e recrutadas pelo “trabalho de base” feito nos sítios vizinhos e nos bairros periféricos de Campina Grande ou vinham de outros acampamentos. As ligadas à FETAG já moravam nas fazendas desapropriadas ou eram filiadas ao Sindicato de Trabalhadores Rurais de Campina Grande

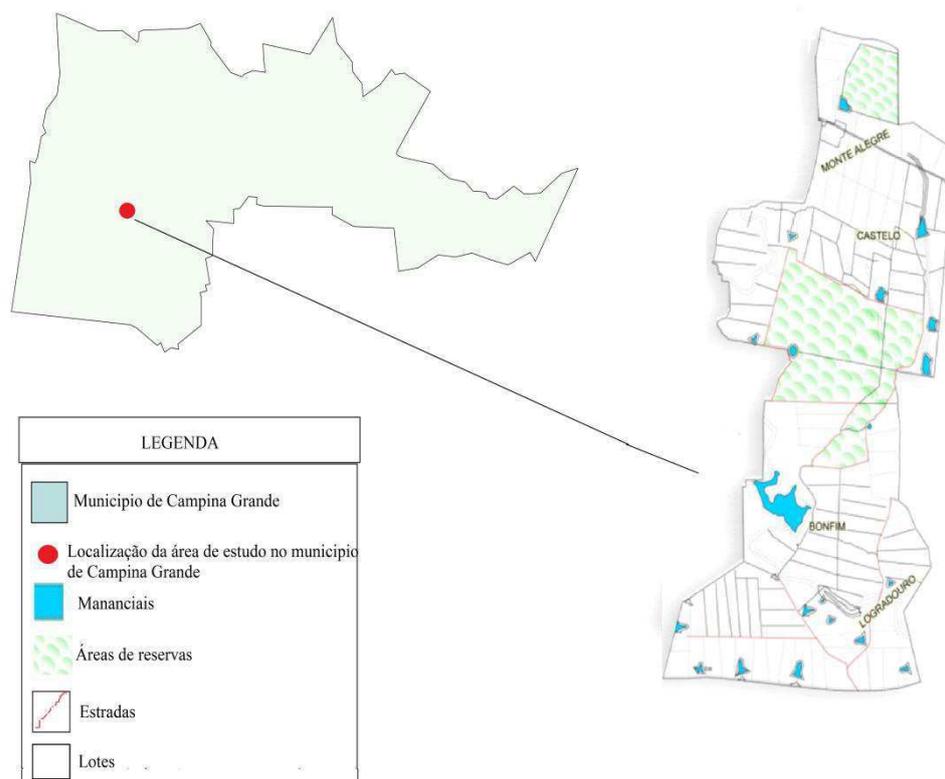


Figura 04: Área do Assentamento José Antônio Eufrosino fonte Adaptado de Brasil (2002) *apud* Miranda (2007)

A organização do assentamento José Antônio Eufrosino foi acontecendo de acordo com o processo de formação da associação, a qual foi um pedido feito pelo o

INCRA como um requisito para a liberação de projetos de apoio a população assentada no mesmo.

A associação foi criada em dezembro de 2001 em uma assembleia onde estavam presentes em média 70 pessoas moradoras do assentamento, associação recebeu o nome de Associação dos Trabalhadores Rurais do Assentamento Bom Jesus (ATRABJ), pouco tempo depois seu nome foi alterado devido a falta de informação, uma vez que a população não tinha o conhecimento de que a associação deveria receber o mesmo nome do assentamento, desta forma a associação passou a se chamar Associação dos Trabalhadores Rurais do Assentamento José Antônio Eufrosino (ATRAJAE).

A diretoria da associação é formada pelo Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiro, Vice-Tesoureiro, Secretário, Vice-Secretário e 3 (três) membros que compõem o Conselho Fiscal. O mandato de cada diretoria tem a duração de 2 (dois) anos, cabendo aos membros da direção se candidatarem ilimitadamente à reeleição. A filiação é aberta a todos os assentados maiores de idade (MIRANDA, 2007 pág. 74).

A primeira gestão da associação perdeu o cargo por ações fraudulentas, a partir disto o MST tornou-se mais presente no assentamento para a organização do mesmo, assim assumindo a coordenação da associação, e também de todo assentamento, dividindo-o em grupos de acordo com as áreas das fazendas que existiam antes da ocupação, as fazendas logradouro, Bom fim, Castelo e Monte alegre.

Essa ação foi feita como uma estratégia de melhorar a atuação do movimento e essa divisão continua até os dias atuais (MIRANDA, 2007). São realizadas as reuniões de grupos e quando o assunto envolve todos do assentamento são realizadas as assembleias com todos os grupos.

Em relação a coordenação geral (diretoria), é formada por dois presidentes, sendo um responsável pela área do Logradouro e Bonfim - que é conhecida como a área antes da mata -, e outro que se responsabiliza pela área do Castelo e Monte Alegre - que é área depois da mata (figura 3). A divisão de grupos dá-se da seguinte forma, segundo (COONAP, 2014):

Os assentados e as assentadas para melhor se localizarem dentro da área do assentamento denominam 4 áreas e 4 grupos de famílias, são os seguintes: Grupo de Famílias número 1 está situado a margem da estrada 19 km que liga Campina Grande a Boa Vista e faz parte do

Distrito de Catolé de Boa Vista; o Grupo de famílias 2 está situado na parte interna a partir da margem do Rio Logradouro que corta o Assentamento até a parte central a margem da reserva legal denomina-se Bom Fim; o Grupo de Famílias número 3 está localizado após a citada reserva até a margem da estrada do Monte Alegre já no Distrito de São José da Mata e denomina-se Castelo, e; Grupo 4 de famílias também neste último distrito situa-se do outro lado da margem da estrada de Monte Alegre e denomina-se também de Monte Alegre (COONAP,2014 pág. 03).

Essa divisão das famílias em grupos realizadas no assentamento foi em função ao novo modelo de luta pautado na organização das famílias para estimular a participação, coletivismo e os espíritos de lideranças nas famílias, segundo MST, 2005b *apud* Miranda, 2007 o Setor Nacional de Formação do MST tem como as principais mudanças realizadas foram:

- a) a adoção da forma de organização das famílias em núcleos como alternativa à antiga “direção coletiva”, para ampliar a participação dos acampados e assentados nos processos de tomada de decisão;
- b) ênfase na organização de base (organização horizontal), em detrimento do desenvolvimento das instâncias de representação em que os membros são indicados pela base (organização vertical) enquanto método de direção;
- c) que a composição das direções estaduais tivesse como referência o número de famílias ligadas ao movimento (organizadas em “brigadas” compostas por 200 ou 500 famílias) e não o território;
- d) a formação de um número maior de lideranças e o aumento no grau de participação dos membros do movimento, resultante da elevação do nível de consciência possibilitada pela criação dos núcleos de família;
- e) e o enfoque na mudança de hábitos e no caráter dos membros do movimento, para a superação de “vícios” não compatíveis com a construção de uma “sociedade socialista”.

Essa divisão em grupos prevalece até os dias atuais. No início existia em média 200 famílias acampadas na área, mas atualmente são assentadas 101 famílias. Há poucas pessoas no assentamento que estão no local desde sua fundação, do total de famílias assentadas segundo dados da Coonap (2014), o assentamento “apresenta 91% das

famílias morando e trabalhando regularmente no lote, 5% mora e não trabalham, 2% não mora e não trabalha e apenas 7% não estão cadastrados”.

Em relação a organização estrutural das moradias, o assentamento é dividido por lotes e em cada lote existe uma casa. O assentamento tem estruturas antigas, do período em que a área era uma fazenda, como currais, bretes e silos e 3 casas sedes que servem para os moradores do assentamento se reunirem e para o desenvolvimento de diversas atividades.

A renda da maioria das famílias emparte do trabalho no estabelecimento do lote, que na sua maioria é feito pelo marido com auxílio da esposa, que também é responsável pelos cuidados domésticos e dos filhos.

As atividades desenvolvidas no estabelecimento do lote dá-se através da produção pecuária, com a criação de bovinos, em maior escala para produção leiteira, criação de caprinos, ovinos, suínos e aves. E a produção agrícola nos períodos de chuvas, visto que o assentamento é localizado na região semiárida, caracterizada pelo baixo índice pluviométrico. Referente as atividades agrícolas as culturas mais aplicadas nas propriedades são “feijão, milho, fava, jerimum, batata, melancia e plantas forrageiras como palma, sorgo, capim. Considerando uma boa prática na confecção de silos para armazenamento de forragem para os animais” (COONAP, 2014).

## Capítulo 3

### **Caminhos percorridos para caracterização do discurso do sujeito coletivo**

*“Ser e ter o sonho por inteiro sou  
Sem Terra, sou guerreiro, co'a missão de  
semear a terra. Mas, apesar de tudo isso, o  
latifúndio é feito um inço que precisa  
acabar. Romper as cercas da ignorância  
que produz a intolerância, terra é de quem  
plantar a terra” Pedro Munhoz*

Para o desenvolvimento da pesquisa recorreremos ao aporte fornecido pelos fundamentos da pesquisa qualitativa através do qual foi possível compreender a realidade do assentamento a partir da percepção do sujeito. O mesmo é ainda criticado por alguns autores por não considerarem um método completo considerando assim apenas o Método Quantitativo.

O Método Qualitativo (MQ) pode, portanto, ser utilizada como opção no estudo da ação dos atores sociais, embora os geógrafos ainda utilizem esse método de forma moderada. Em parte, isso se deve a própria influência filosófica, especialmente as decorrentes de bases marxistas que tem resistências em recorrer a outros métodos no desenvolvimento de suas pesquisas (SOUZA JÚNIOR, 2008 pág. 17).

Das considerações propostas por Souza Júnior consideramos importante destacar divergências quanto a associação dos sujeitos pesquisados como sendo atores sociais. No caso objeto de estudo, cuja prática socioterritorial de apropriação de espaços para finalidade de uso social (acesso a terra aos camponeses historicamente negligenciados do direito social de posse da terra) encontra-se expressa na luta constante superando a perspectiva de representação que nos remete o uso do termo ator.

Desta forma, ao utilizarmos referências de autores mencionando o uso do termo “ator social”, estamos, para esta análise, nos reportando o “sujeito social” por entendermos que, antes de representar algo, os membros do movimento estão mais preocupados em agir diretamente.

Souza Júnior (2008) apresenta uma análise entre os dois métodos apresentando o método quantitativo com uma utilização voltada para “descrição de uma variável (tendência e dispersão) ou por sua divisão por categorias e descrição de suas frequências de forma a permitir a identificação por amostragem do universo investigado” (Pág. 22). Já o Método Qualitativo como “apreensão do contexto no qual o fenômeno ocorre permitindo a apreensão da intencionalidade dos indivíduos ou grupos que se expressam através do discurso (texto, voz, símbolos, imagens, etc.) ” (Pág. 22). Com relação a este debate, Chizzotti (1991) *apud* Matos & Pessoa (2009) acrescenta que:

As características principais da pesquisa qualitativa centralizam-se no reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas; na imersão do pesquisador nas circunstâncias e no contexto das pesquisas; nos resultados como fruto de um trabalho coletivo resultante da dinâmica entre pesquisador e

pesquisado; e na aceitação de todos os fenômenos como importantes e preciosos. (Pág. 281)

Também é ressaltada a diferença dos métodos uma vez que o método quantitativo estaria pautado em uma análise estatística para justificar os dados apresentados, e aquisição desses dados expressos através de questionários, gráficos e questionamentos mais objetivos. Já uma pesquisa qualitativa aborda questões de interpretação dos contextos sociais, desfruta de recursos que valorizam a aproximação do pesquisador com o sujeito pesquisado, que pode ser da observação (direta ou participante) e entrevistas que podem ser pautadas em tópicos- guia que permitem uma liberdade maior de discussão do entrevistado em relação às perguntas (SOUZA JÚNIOR, 2008).

Com referência nas diferentes formas de coleta de dados propostas pela pesquisa qualitativa, para uma melhor resposta ao que se é investigado, a aquisição de informação será realizada através de entrevista baseada em tópicos-guia, onde é ofertada uma maior liberdade na construção do discurso ao sujeito pesquisado.

A entrevista se resume a um conjunto de técnicas que permite um contato direto entre o pesquisador e o sujeito pesquisado. Essa técnica tem uma maior facilidade de ser devolvida pelo pesquisador, mas embora seja uma técnica de fácil aplicabilidade deve ser apenas desenvolvida se realmente for necessária para uma boa obtenção de resultados e não apenas como uma simples técnica de coletas de dados (MATOS & PESSOA, 2009). “A entrevista é uma forma de dialogo assimétrico, em que uma das partes (o entrevistador) busca coletar dados, e a outra (entrevistado), fornecer informações” (GIL 1999 *apud* MATOS & PESSOA 2009. Pág. 286).

A partir da realização das entrevistas serão formados discursos dos quais trabalharemos com base na análise como objetivo identificar as ideias centrais do discurso do sujeito. A análise de discurso é uma subárea Linguística recente em relação a outras metodologias existentes. A mesma surge por volta da década de 1960, na França, com uma nova forma de análise que antes eram voltadas para frases e a partir dessa mudança passar o focar no discurso com base em unidades menores que frases (SILVA, 2009). Desta forma a Análise de Discurso se resume a:

Com a Análise de Discurso, verifica se que uma palavra por si só não tem significado; o sentido lhe é atribuído por um conjunto de referências que dizem respeito as condições produtivas da enunciação,

quais se englobam as formações discursivas, ideológicas e imaginárias do sujeito que atravessam os enunciados e, por conseguinte, os discursos. (SILVA 2009 pag. 116).

Desta forma a partir da fala do sujeito pesquisado são identificadas as ideias centrais do discurso e com base nas mesmas é formado o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Que segundo Souza Júnior, 2008, correspondem à identificação das ideias centrais extraídas do discurso que vão mostrar a atuação do sujeito social em seu cotidiano podendo perceber seu posicionamento em relação a um objeto.

Foram realizadas cinco entrevistas com moradores do assentamento que representam tanto o movimento MST e os moradores do assentamento, entre estes moradores mais antigos que estão no assentamento desde o seu processo de ocupação, mais recentes que tem menos de dois anos de permanência no assentamento e militantes do movimento do qual optamos por manter em sigilo a identidade o Quadro 1 apresenta o perfil dos entrevistados.

<b>Perfil dos entrevistados</b>	
Entrevistado 1	Chegou ao assentamento no ano de 2002 a partir da oportunidade de trabalhar como educadora para ministrar aulas para os moradores da área de assentamento passou a ser militante do movimento MST a partir de formações ofertadas pelo o mesmo.
Entrevistado 2	Iniciou a sua atuação no MST em 2002 a partir do conhecimento das ações do movimento atualmente é um militante do movimento.
Entrevistado 3	Sua atuação em movimentos sociais é desde a década de 80 atuou em outro movimento de luta por terra a CPT, ingressou no MST a partir da oportunidade de adquirir uma propriedade para trabalhar atualmente no MST é militante coordenador de uma brigada.
Entrevistado 4	Chegou ao assentamento em 2015 através da oportunidade de conseguir terra para trabalhar.
Entrevistado 5	Sua trajetória no movimento iniciasse a partir do seu ingresso em área de assentamento associado a oportunidade de qualificação educacional, desta forma atuou como militante, coordenador de brigadas, foi presidente da associação do assentamento estudado.

Quadro 1: Perfil dos entrevistados

Tais critérios foram definidos em reunião com o orientador e tem o objetivo de possibilitar o discurso de segmentos que expressam posicionamentos sobre o tema. É importante mencionar que preservamos os cuidados estabelecidos pela legislação da ética em pesquisa com seres humanos, todos os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (apêndice 1) no é qual estabelecida a autorização da gravação e a permissão da utilização das informações prestadas. As entrevistas seguiram um roteiro com tópicos-guia para guiar o entrevistado na construção do discurso, foram dois roteiros utilizados um destinado aos moradores (apêndice 2) e outro ao militante (apêndice 3).

Para a análise das entrevistas foram feitas transcrições das mesmas preservando as expressões utilizadas pelos sujeitos. Apresentamos um modelo de transcrição e identificação das expressões – chaves (quadro 2), essa entrevista foi realizada com uma moradora do assentamento que está no local desde o ano de 2001.

Fale um pouco da sua trajetória no movimento MST
A princípio só participei aqui, depois fui para Pernambuco, no Zumbi dos Palmares que é um assentamento de 180 famílias. Fui como coordenadora da educação, participar de um curso no ano 2003. Lá é melhor que o daqui, devido o clima. Conheço Sapé, Marinho, sempre coordenei a educação no MST. Houveram avanços, mas também houve revoltas. Se afastaram algumas pessoas do movimento de alguns assentamentos, devido o afastamento de alguns, coordenadores. Os avanços, teve na educação, muitas pessoas aprenderam a ler e escrever, Dona Lurdes, Maria. Na educação não houveram derrotas, mas o governo as vezes não favorece o avanço na educação. Iniciei no Brasil Alfabetizado, com seu Osvaldo. Fui educadora e coordenadora logo em seguida.

Quadro 2: Modelo de transcrição e identificação das expressões – chaves

Após a identificação das expressões chaves, passamos para o processo de extração da Ideias Centrais (IC) presentes no discurso do sujeito pesquisado (Quadro2) e a partir das ideias centrais é formado DSC e com base no mesmo é realizada a Análise de Discurso que é encontra na fala do sujeito pesquisado o que representa contexto do coletivo, comunidade ou determinado grupo pesquisado ou seja “encontrar a fala social a partir do discurso proferido pelo sujeito coletivo: um depoimento expresso por um ator social” (SOUZA JÚNIOR, 2008 pág. 25). Esse ator social é constituído“ de *um* eu sintático que, ao mesmo tempo em eu sinaliza a presença de um sujeito individual do discurso, expressa uma referência coletiva na medida em que esse *eu* fala pela ou em nome de uma coletividade” (LEFÉVRE e LEFÉVRE, 2003 *apud* SOUZA JÚNIOR, 2008 pág. 25).

<b>Fale um pouco sobre sua trajetória no MST. (IC = Ideias Centrais)</b>	
E1	<p>A princípio só participei aqui, depois fui para Pernambuco, no Zumbi dos Palmares que é um assentamento de 180 famílias. Fui como coordenadora da educação, participar de um curso no ano 2003. Lá é melhor que o daqui, devido o clima. Conheço Sapé, Marinho, sempre coordenei a educação no MST. Houveram avanços, mas também houve revoltas. Se afastaram algumas pessoas do movimento de alguns assentamentos, devido o afastamento de alguns coordenadores. Os avanços, teve na educação, muitas pessoas aprenderam a ler e escrever, Dona Lurdes, Maria. Na educação não houveram derrotas, mas o governo as vezes não favorece o avanço na educação. Iniciei no Brasil Alfabetizado, com seu Osvaldo. Fui educadora e coordenadora logo em seguida.</p>
	<p><b>IC1.</b> A entrevistada participou de experiências em outros assentamentos através de cursos de qualificação na área da educação.</p> <p><b>IC2.</b> O afastamento de coordenadores implicou na desistência de assentados</p> <p><b>IC3.</b> A educação é apresentada como instrumento para melhoria da qualidade de vida dos assentados através do aprendizado na leitura e escrita, apesar das ausências do governo.</p>

Quadro 3: Trajetória no movimento MST/ identificação das ideias centrais

Nesta pesquisa o “sujeito coletivo” é representado pelos os militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra que estão sempre na luta para que proposto na reforma agrária seja realmente cumprido, representando assim um grande número de pessoas que necessitam de terras para trabalhar e garantir a sua sobrevivência.

Para se atingir os objetivos optamos por fundamentar a pesquisa a partir do uso da teoria das representações, utilizando como técnica de análise a percepção dos assentados. Isto, contudo, não inviabilizou a busca por fundamentos de outras bases teóricas voltada para subsidiar as relações contraditórias das intencionalidades sobre o direito de acesso a terra, pautado nas relações dialéticas entre os sujeitos envolvidos. Para isso, buscamos no entendimento sobre o território e territorialidades assim como a própria concepção de movimento social identificando a diferença entre os que atuam na escala socioespacial e socioterritorial.

Desta forma partindo da discussão sobre movimentos sociais que são compreendidos como movimentos que lutam por questões de interesses sociais. Partindo desse conceito nós temos duas categorias de movimentos sociais os socioespaciais e os socioterritoriais. Os movimentos socioespaciais como as mobilizações sociais tem como forma de luta a apropriação do espaço, mas sem causar intervenções no mesmo ou alterações na realidade do seu entorno como por exemplos as manifestações contra governos que na maioria das vezes tem como estratégia de lutas a

ocupação de determinados espaços com ruas, avenidas e praças por determinado tempo, mas ao final da ação aquele espaço volta a ter a sua função anterior normalmente.

Os movimentos socioespaciais são formas de mobilização social. Sua espacialidade está vinculada a sua capacidade de gerir determinadas demandas no âmbito de um determinado espaço, sem buscar introduzir nenhum elemento novo, seja material ou imaterial (PEDON, 2009 pag.175)

Diferentemente dos movimentos socioterritoriais do qual podemos citar como exemplo os movimentos de luta por terra e moradia que realizam a ocupação é feita a apropriação do espaço, haverá todo um contexto de resistência e a partir desta são incorporadas relações de poder e transformando o espaço em território como afirma Souza Junior (2008 pág. 43):

A origem do território encontra se diretamente ligada as práticas que justificam as formas pelas as quais o homem vem participando da produção do espaço aonde vive. Assim, o uso dessa concepção passa a ser associado a uma diversidade de significações, quase sempre relacionadas às relações de poder entre os atores sociais.

A partir das ações dos movimentos socioterritoriais são desencadeados alguns processos de desdobramentos do território como nas ações dos movimentos de luta por terra onde existe um determinado espaço, onde a apropriação e uso do mesmo, desenvolvimento de processos culturais formando uma territorialização. E com base nesse processo territorialização será necessária uma assistência social por parte do Estado diretamente ou através de instituições como o INCRA com base na formação de escolas, unidades básicas de atendimento à saúde.

## Capítulo 4

### O MST a partir da percepção do sujeito

*“Erguendo a fala gritando Reforma  
Agrária, porque a luta não  
para quando se conquista o chão  
fazendo estudo, juntando a companheirada  
criando cooperativa pra avançar a produção”*

*Floriô, Zé Pinto*

Para compreender a percepção dos sujeitos pesquisados utilizaremos como ponto de partida os relatos de nossa experiência com o movimento. Para isto, pedimos licença ao leitor para utilizar o verbo na primeira pessoa. A minha história no movimento se iniciou basicamente como a maioria das pessoas, buscamos o assentamento com objetivo de adquirir terras. Antes de ir para o assentamento morávamos em uma casa pequena na propriedade do meu avô e meu pai sempre viveu no campo e conseqüente gostava de plantar e criar animais, mas não tínhamos terra e meu pai desenvolvia essas atividades no terreno do meu avô, mas às vezes era questionado pelo mesmo. O tempo foi passando e meu pai começou a trabalhar negociando leite comprava de criadores e vendia na área urbana de Campina Grande. Entre esses criadores tinham pessoas do assentamento Jose Antonio Eufrosino (área de estudo) e assim meu pai foi conhecendo como funcionava o assentamento e fazendo amizade com as pessoas que nele residiam. Motivado pela oportunidade de ter sua própria terra para produzir se candidatou para ingressar no assentamento. Como o assentamento já estava formado era necessário participar de reunião com todos os assentados, para que houvesse uma votação e decidir se aceita ou não que aquele candidato faça parte do assentamento, desta forma aconteceu meu pai foi para a reunião com os moradores do assentamento como já tinha conhecimento com boa parte dos mesmos e já tinha o fato de uma tia minha já residir no assentamento isso influenciou na permissão a favor do nono ingresso no assentamento. Desta forma chegamos ao assentamento para morar em 2008. Eu tinha 12 anos de idade. Nesta época bem presente a ação do MST, tudo me causava estranhamento, aquele povo unido em favor dos seus direitos, dispostos a tudo. Surgia, mesmo sem perceber, a primeira experiência da relação entre a ação do movimento com o conceito de território ao observar que a disputa pelo acesso á terra correspondia a uma relação de poder entre o Estado e os recém ocupantes. Base esta que fundamentou o entendimento da concepção de que a meta do movimento se devia a compreensão que o mesmo exerce e define territorialidades (ser um movimento socioterritorial).No contexto da ambiência ou do cotidiano, existiam as cirandas que eram atividades destinadas a crianças e jovens do assentamento ainda participei de algumas, me recordo que havia toda uma organização as atividades eram divididas por idades, eles contavam histórias de lutas por terras, tinha aulas de violão, artesanato, eles sempre estavam gritando os gritos de guerra do MST ainda me recordo de alguns como “Trabalhadores unidos já mais serão vencidos”, “MST essa luta é pra valer”, essas cirandas eram aos sábados o dia todo ai tinha almoço para todos tinham doações e a carne era peixe que era pescado no açude

do próprio assentamento, tinha gente para pescar, cozinhar, fazer as atividades educacionais com as crianças sempre voltado para a cultura do movimento. Isso só continuou até mais ou menos um ano depois que chegamos lá após a saída de do presidente da associação do assentamento ele era militante do movimento estava sempre participando das ações do mesmo e fazia questão de manter a cultura viva assentamento depois de sua saída da presidência junto com a saída de outros militantes para atuar em outras áreas de assentamento essas ações foram perdendo força até acabarem. No ano de 2013 chegou no assentamento a COONAP para ajudar o assentamento através de assistência técnica, mas eles trabalhavam a questões de projetos desenvolvimento agrário para o assentamento nada relacionado ao MST a atuação deles só foi até o início de 2016. Dentro desse contexto terminei o ensino fundamental em 2012 e em 2013 ingressei no curso de geografia na UFCG. No início tentava esconder das pessoas que era integrante do movimento com medo de críticas. Mesmo sem perceber, expressava naquele universo universitário parte do estigma que parte da sociedade, influenciados na maioria das vezes pela grande mídia, impõem sobre os membros do movimento, os quais quase sempre reforçando o viés do preconceito e da falta de entendimento sobre os motivos reais que nos levam a ser quem somos sendo um dos principais o rótulo de desocupados ou de invasores. Aos poucos os meus colegas de turmas foram descobrindo através de uma disciplina na área de geografia agraria porque toda vez que se falava no movimento no decorrer das aulas eu comentava algo mais nunca fui vítima de preconceito por isso, alguns curiosos que queriam saber se participava de protestos e como era as ações do movimento. Desenvolvi alguns trabalhos no decorrer da minha graduação mais nada relacionada ao movimento MST. Movida pela a inquietação de ter visto como era a atuação do movimento quando cheguei no assentamento e como a atuação do mesmo se encontra resolvi entender os motivos que levaram a essa situação.

#### **4.1 Análise das entrevistas com os moradores do Assentamento: O início das trajetórias no movimento MST**

No contexto das trajetórias no movimento MST percebemos diferentes formas de conhecimento do movimento. Uma das entrevistadas iniciou a sua atuação a partir da oportunidade de trabalhar na área de educação visto que a mesma é educadora. Participou de experiências em outros assentamentos através de cursos de qualificação na área da educação e considera a educação como instrumento para melhoria da qualidade

de vida dos assentados, através do aprendizado na leitura e escrita, apesar das ausências do governo.

Outro entrevistado buscou o assentamento sem ter conhecimento do que se tratava, inclusive do próprio significado de MST, tendo como objetivo inicial conseguir terras para trabalhar. O ingresso no movimento MST acontece a partir oportunidade de uma qualificação educacional e a desse começa a experiência de vivência em outros lugares. Tais experiências foram fundamentais para a sua inclusão na militância. A partir da experiência como militante no movimento, o entrevistado participou de outras funções internas, a exemplo das coordenações de brigadas. A participação nas reuniões associada a sua personalidade (segurança na forma de falar) são fundamentais ao engajamento na coordenação da militância ao ponto de poder desenvolver um posicionamento crítico acerca das intencionalidades dos participantes observando que, assim como ocorre com outros grupos, existem pessoas que incorporam bem a participação no movimento e outras que possuem dificuldade para se adaptar e se envolver no real objetivo do assentamento. Isso ocorre inclusive com as lideranças.

Outro entrevistado conheceu o movimento a partir da demanda necessária de trabalhadores nas construções das casas no assentamento e assim conhecendo o funcionamento do MST, vendo a oportunidade de ingressar no mesmo ter acesso a terra e assim dessa forma aconteceu. De forma geral foi relatado pelos os entrevistados que a forma de atuação de alguns integrantes da organização do movimento influencia no afastamento de pessoas que participam das ações do movimento.

Em relação as vitórias, são destacadas as conquistas de terras que consequentemente são formadas em áreas de assentamentos, fato que cada vez mais é crescente. Outra conquista destacada são as oportunidades de qualificação profissional ofertadas com o ingresso no movimento. Tais formações vão qualificar para um melhor desenvolvimento das atividades do movimento e da vivência nas áreas de assentamento como é relatado por um dos entrevistados:

fui uma das pessoas ao qual conseguir fazer uma coisa que tinha muita vontade que era me aprofunda nessa questão, a princípio eu queria fazer veterinária mais não teve como ainda, agente conseguiu fazer o técnico agrícola que era um curso bem parecido com o curso de veterinária porque daria assim uma base para o aprendizado e que agente conseguia hoje implementar no dia a dia... a nossa visão era

aprender pra agente conseguir implementar dentro da agricultura familiar então hoje no dia a dia agente consegui fazer isso implementar os conhecimentos que agente adquiriu dentro dessa área.” (Transcrição de entrevista realizada no dia 30 de julho de 2017).

No contexto das ocupações de terras uns dos entrevistados considera o Estado da Paraíba um local diferenciado em relação aos outros estados por não existir tanto conflito. Ainda é destacado que no estado já houve muitas conquistas envolvendo as lutas por terras, mas essas ações tem perdido a sua intensidade de devido a falta de apoio do Estado, o qual tem um papel fundamental no contexto de formação de áreas de assentamento por ser necessária a ação do mesmo em processos burocráticos para que haja ação inicial para a formação de assentamento (as ocupações de terras).

Como derrotas, é pontuado a participação de pessoas no movimento que não têm o espírito de coletivo, que não entendem a essência das lutas do movimento, que é a conquista para todos e não individual, desta forma promovendo ações que fogem do princípio e do que é proposto pelo o movimento MST, denegrindo a imagem do mesmo. A exemplo disto destacado o assentamento José Antônio Eufrosino que já teve várias conquistas quanto área de assentamento (casas, cisternas, a terra), mas destaca o pouco envolvimento por parte da população do local nas ações do movimento atualmente para aquisição de novas conquistas.

No que se refere ao tópico papel político do MST, é questionada a política de atuação do movimento por apresentar falhas devido a atuação do mesmo, por ser mais assídua em algumas áreas em relação a outras, isso é apontado a partir da experiência de vivência em diferentes áreas de assentamento por um dos entrevistados e cita como exemplo dessa diferença a atuação do movimento no litoral que alguns locais têm mais de quinze coordenadores atuando em uma mesma área e em outras como no José Antônio Eufrosino atuação deixa a desejar sendo menos freqüente. Essa situação pode ser compreendida pelo o fato que no Assentamento José Antônio Eufrosino praticamente não se tem militantes atuantes no movimento MST atualmente para que possa atrair a atuação de militantes e coordenadores externos.

É destacado por parte dos entrevistados o papel do movimento, que é a desapropriação de terra por parte do INCRA e distribuir as mesmas para trabalhadores sem terras e promover uma melhor qualidade de vida para essa parcela da população com objetivo de amenizar as desigualdades presentes no campo, mas é salientado as

dificuldades para alcance do que se propõe o movimento MST, visto que o mesmo vai tentar desfazer uma política territorial que é histórica no Brasil a concentração de terras, quem vem desde o sistema de Capitânicas Hereditárias, assim interferindo nos interesse de pessoas com grande poderes aquisitivos, para isso o movimento dispõe de várias políticas de atuação que vão desde os protestos destacando o fechamento de BRs a ocupações de propriedades improdutivas e as unidades do INCRA, com o objetivo de chamar a atenção das autoridades públicas, e conquista dos direitos legalmente instituídos e o conhecimento pelo a sociedade das lutas do movimento e ressalta importância da participação de pessoas nas ações.

Os entrevistados deixaram explícito no decorrer das entrevistas que o processo de ocupação foi pacífico, não houve conflitos para a conquista da terra porque foi realizada uma negociação anteriormente a ocupação do movimento entre o proprietário e o Estado através do INCRA para indenização e desapropriação, desta forma quando ocorreu o processo de ocupação por parte do movimento já havia acontecido o processo de desapropriação. O acesso a área do assentamento pelos entrevistados ocorreu de diferentes formas, uma das entrevistadas entrou no assentamento através do conhecimento de duas pessoas que já estavam residindo no mesmo, o sem objetivo de residir na área, veio a mesma como uma indicação para trabalhar ministrando aulas para pessoas do assentamento e através dessa atuação recebeu o convite para ingressar na área de assentamento como moradora. Os outros entrevistados buscaram a área do assentamento com o objetivo de adquirir um pedaço de terra para residir e produzir.

Em relação aos processos de estruturação e organização do assentamento houve diversos conflitos porque as pessoas não respeitavam a área por ter sido adquirida com recursos financeiros do poder público, pessoas que não eram integrantes do movimento se consideraram no direito de utilizar dos recursos presentes na mesma livremente os principais problemas foram com a extração de madeira para estacas e produção de carvão, a pesca irregular e presença de animais de um fazendeiro vizinho que insistia em manter os seus animais na área do assentamento depois de ocupada pelo o movimento. Uma estratégia de grande importância para resolver esses os problemas que estavam acontecendo foi acionar uma brigada que um grupo do movimento que fica a frente das articulações de lutas do movimento e a partir daí foram realizados protestos com fechamento de BRs, mortes de animais do fazendeiro e inibir suas ações e chamar a

atenção do poder público para que fossem resolvidos os problemas. Um dos entrevistados relata como aconteceram as lutas

“Agente em Bananeiras agente conseguiu um contato se conectar com uma brigada nacional de formação, que era uma brigada do MST que atua em todos os estados e tinha autonomia, era uma força tarefa, e essa brigada agente tendo na escola em Bananeiras conseguiu localizá-la. E aí tinha comandando a brigada o Fernando e a sua companheira e eles vieram pra cá e quando chegaram aqui agente conseguiu dá um levante e acaba com algumas coisas que aqui tava. E aí o povo junto aí comeram o boi pra poder mostrar que se não tirasse o pessoal ia comer mesmo né, que já tinha sido denunciado a polícia federal porque agente era ameaçado, existia pistolagem aqui dentro do assentamento parte dos fazendeiros que colocava gado, pra que agente não tirasse e não fizesse isso. E um dia agente reuniu o povo aí pegou uma garrota pegamos esse garrota matamos fomos pra BR, fechamos a BR em São José da Mata e aí acabamos que foi um confronto muito pesado nesse dia teve polícia envolveu polícia chegou pra cá pra tenta nos leva e o povo tomaram a frente e disseram que se for vai ter que levar agente tudo” (Entrevistado 5 transcrição de entrevista realizada no dia 30 de julho de 2017).

E destacados pelos os entrevistados que as estratégias de lutas que vem sendo desenvolvidas na atualidade pelo o movimento são os protestos nas ruas, fechamentos de BRs e ocupações nas fazendas e as margens de estradas. É salientado que as ações do movimento têm se tornado menos atuante com a falta de apoio por parte do governo, que privilegia os grandes produtores, e as causas das lutas do movimento segue contra os interesses desse grupo.

Um dos entrevistados destaca que não tem conhecimento de como está atualmente as ações do movimento pois encontra-se afastado da militância, o que sabe sobre a atuação do mesmo é o que é apresentado pelas mídias que segundo o mesmo só apresenta o que lhe convém e através desde percebe que é a realização de protestos e ocupações em algumas áreas. Mas afirma que durante a sua participação das lutas do movimento existiam muitas tentativas de criminalizar as ações do movimento como a tentativa acabar no mínimo reduzir com as ações do mesmo. Destaca que existiam processos judiciais para que as ocupações que é maior estratégia de luta do movimento ser considera uma ação terrorista.

Quanto a participação coletiva é destacado pelos os entrevistados ausência de união entre os assentados para a formação de coletivos, é o principal problema, na organização todos querem ter autoria e desenvolver as coisas por si só, individualmente e acabam fracassando. Outro problema é falta de por parte de alguns militantes que prometem questões que não podem ser cumpridas e não realizar ações de acordo com o que foi acordado. A confiança que é algo essencial para o trabalho em grupo. Um dos entrevistados relata como foi a experiência de participar de um coletivo.

As pessoas aqui não tem ainda o que é um coletivo, muitos não entendem ainda o que é coletivo. Coletivo é um grupo de pessoas, que se trabalharem juntos, tudo se melhora. As pessoas quase não procuram, a maneira de pensar também dificulta. Não tem a combinação, cada um que queira ser mais. Eu, não sei diminuir, se você tem uma ideia eu costumo combinar com você. Coletivo é combinação. Muitas das vezes as pessoas aqui não concordavam, muitos querem estar mais certos que os outros. Tentamos no lote de Dona Preta, mas não conseguimos. Muita fofoca, as maiores dificuldades de estar no coletivo era desonestidade, porque as pessoas não faziam direito, a picunhagem” (Transcrição de entrevista realizada no dia 20 de julho de 2017).

#### **4.2 Análise das entrevistas com os militantes: Trajetória no movimento e sua participação na militância**

A trajetória dos entrevistados no movimento se concretiza após o ingresso nas áreas de atuação do movimento assentamentos e acampamentos. Um dos entrevistados têm a sua trajetória no movimento iniciada através de uma ação do movimento o qual é convidado participar, mas rejeitou a proposta porque não acreditava sobre os direitos que tinha após a realização da ocupação de uma área de uma fazenda próxima do seu trabalho e a partir da observação diária e de conversas com participantes do movimento entendeu que era justa a luta dos mesmo. Acabou iniciando a participação nas reuniões e ingressando na área do acampamento. A consolidação da sua vivência no movimento aconteceu quando seu patrão descobriu da sua participação nas ações do movimento e mandou mata-lo, assim antes que isso o acontecesse fugiu e ficou em uma área de acampamento do MST em João Pessoa. A vivência naquela área consolidou a sua trajetória no MST. A experiência como acampado associado a vivencia no assentamento

proporcionou a sua atuação como militante e em outras funções dentro do movimento e a atuação em outras áreas de lutas do movimento.

O segundo entrevistado já tinha uma experiência de vivência no campo, participou de outro movimento de luta por terra anteriormente ao MST, na CPT a sua participação foi durante o período da Ditadura Militar, período este marcado por uma grande repressão aos movimentos sociais, assim as reuniões de articuladas eram realizadas as escondidas. O ingresso ao movimento foi com objetivo de adquirir terra, ingressou em área de acampamentos e disso começou a participação nas lutas do movimento. A experiência adquirida como acampado proporcionou a atuação do mesmo em outras funções na organização do movimento e a atuação em áreas que estavam presentes as ações do movimento. Destaca o objetivo do movimento que é promover a reforma agrária diminuindo a concentração de terras onde são identificadas as terras improdutivas então é buscado dá início ao processo de desapropriação e consequentemente a ocupação. O entrevistado, coordenador de uma das brigadas, relata que na organização do movimento MST não existe uma hierarquização apenas a coordenadores que ficam responsáveis por setores de organização como a coordenação de finanças, das brigadas e etc. As coordenações são formadas de acordo com experiências dos coordenadores.

É relatado que já houve um número maior de conquistas, mas a falta de apoio do governo a qual é necessária para resolver questões como o processo de desapropriação é através dos INCRA tem desacelerado o processo de conquistas de terras. Mesmo com a ausência do apoio do governo, a maioria lutas resultam em vitórias. Entre as conquistas destacam-se a luta por terra no assentamento 1º de maio localizado no município de Pocinhos que, apesar de ter sido marcado por muita violência e massacres, o assentamento foi estabelecido.

Outra conquista destacada no assentamento pequeno Richard porque foi uma área que houve resistência no processo de desapropriação, mas no fim foi transformada em área de assentamento. Nas formações de áreas de assentamentos através das lutas do movimento e relatada conquistas pessoais construídas em ver a felicidades das famílias que não tinham onde morar ou morava em condições precárias e passam a ter moradia própria.

Em relação às derrotas são destacadas as mortes de companheiros de lutas do movimento, por pistoleiros em repressão a ações de lutas por terras. A falta de apoio do Estado que privilegia muitas vezes os latifundiários e agroprodutores devido à falta de assistência pelo Estado, assim acontece a ocupação pelos integrantes do movimento e depois são obrigados desocupar a área.

A derrota que a gente tem, é quando a gente faz a ocupação, e depois somos despejados. O poder judiciário está do lado o capital. Mas a constituição diz que toda terra improdutivo, que não cumpre uma função social, ela deve partir para a reforma agrária” (Transcrição da entrevista realizada em 20 de julho 2017).

De forma geral, o movimento tem como objetivo de luta a questão da melhoria das condições de vida do homem do campo, não apenas pela conquista de terras, mas pelas necessidades básicas para a sobrevivência saúde, educação, moradia, entre outras. A importância da luta pelo o resgate da cultura no campo está sendo perdida devido as grandes concentrações fundiárias que excluem os pequenos agricultores que em sua maioria passam a ser obrigados a migrar para as áreas urbanas em função da ausência de terras para trabalhar.

De acordo com os depoimentos dos entrevistados está ocorrendo uma mudança das políticas de atuação uma vez que os movimentos estão abdicando do confronto direto para realizar protestos e reivindicações. Tal mudança se efetiva devido as constantes mortes e a ausência do Estado sobre este fato.

O MST antes era mais combativo, antigamente a gente enfrentava embaixo da bala, do tiro. Atualmente está havendo muito massacre, e o governo não tem se importado com isso. A cada dia estão matando um líder da gente. Não que nos afracamos, mas recuamos. Porque, eles fazem isso com nosso companheiro, se revidarmos, somos presos como bandidos. Estamos nos inserindo na política, protestando, denunciando, reivindicando, porque é uma forma da gente lutar, se recuperar, Não que a gente tenha fracassado, só mudamos um pouco o tipo da luta, pra depois a gente, sê entende. Mudamos a estratégias na forma de lutar (Transcrição da entrevista realizada em 15 de julho 2017).

Por não estarem presentes no assentamento no processo de ocupação da área, os entrevistados não tiveram conhecimento de como se deu o processo, limitando-se aos

relatos dos moradores que vivenciaram o processo, os quais informaram que o procedimento foi pacífico, especialmente pelo fato da área estar desapropriada. .

De acordo com os entrevistados o grande desafio da ação do movimento está pautado na ausência do Estado uma vez que este defende normalmente os interesses do capital e no preconceito social em relação a atuação do movimento. De fato, a falta de apoio do governo sempre foi comum tornando-se agora um problema maior por conta da criação de leis que dificulta a atuação do movimento. No governo de Fernando Henrique Cardoso, cujo posicionamento político dos partidos coligados este sempre amparado em adoção de políticas neoliberais, haviam mais desapropriações do que o evidenciado na atualidade. Outro problema é a falta de apoio das autoridades é cada vez mais perigosa a atuação no movimento, sendo cada vez mais evidente a violência como forma de repressão as lutas pelo movimento.

Ressaltam ainda a necessidade de formação dos novos militantes que vão ingressando ao movimento para que entendam os objetivos de luta e as formas de atuação nas ações desenvolvidas pelo mesmo de forma a evitar o desenvolvimento de ações contrárias a política de atuação do movimento de forma a denegrir a imagem do movimento. De fato, uma das dificuldades percebidas no desenvolvimento das lutas por terra é a diminuição do número de militantes onde muitos estão ficando idosos e se afastando das funções e existe também a perda de membros nas próprias lutas. Assim, tornam-se necessárias novas demandas dos membros do movimento, especialmente no que se refere a oferta de várias oportunidades de capacitação educacionais mas as pessoas não se interessam

A questão por não acontecer mais eventos do MST que comemoravam as conquistas realizadas pelo movimento no decorrer da história com a frequência de antes é considerado por alguns dos entrevistados um fator de enfraquecimento do movimento. Falta formações para o desenvolvimento de trabalhos nas ações do movimento para orientar a importância e necessidade de viver uma das políticas mais divulgadas pelo o movimento, que é o de trabalhos em grupos, valorizar a atuação em coletivos. É de grande importância para o movimento manter ativa as lutas por terras, especialmente no que diz respeito a reforma agrária, e cobrar dos governos para que seja cumprido o que é instituído legalmente.

A falta de interesse por parte dos governos em relação às ações do MST é comum a exemplo do Partido dos Trabalhadores (PT) que passou a ser significado de esperanças por parte dos membros do movimento quanto ao apoio a ação dos movimentos, mas que na prática houve uma ausência de ações mais efetivas em prol dos objetivos e metas dos movimentos. Ao contrário, conforme observado anteriormente, as conquistas obtidas nas gestões de FHC foram mais contundentes do que nas gestões do governo Lula.

Os entrevistados contestam ainda a necessidade de conscientização da população, sendo importantes as lutas para a conquista dos direitos, mesmo com a ausência da participação de parte da população. Apesar da falta de organização, ainda existe um grande número de pessoas que vão pra as ruas lutar pela questões sociais através independente de qual movimento seja CPT, CUT ou MST.

Um grande problema em contexto de lutas diz respeito ao processo de ocupação dos acampamentos. Enquanto as famílias não são assentadas, existe toda uma articulação de união, atuação nos processos de reivindicação dos direitos. Quando as famílias são assentadas a maioria abandonam as lutas e passam apenas a cuidar de seus lotes, permanecendo poucos nas ações efetivas ao movimento e obrigando a necessidade do movimento lutar sempre por novas adesão. O fato é que houve mudanças. Onde antes o objetivo era apenas a conquista de terras, agora além da terra também é buscado os serviços básicos saúde, educação, moradia entre outros ou seja é buscado algo além da conquista da terra e sim uma garantia de uma melhora qualidade de vida para os trabalhadores rurais, porque só a terra sem assistência de muito pouco vale.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dos questionamentos levantados nas entrevistas entre moradores e militantes percebemos que o objetivo de lutas do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra é algo de grande relevância para os trabalhadores rurais. Percebemos, no entanto, que não é uma luta fácil, visto que o movimento tem como objetivo modificar uma política histórica no país referente a concentração de terras, fazendo com que terras improdutivas sejam desapropriadas e entregues aos trabalhadores Sem Terra para que possam trabalhar e garantir uma melhor qualidade de vida. Porém, essa luta se torna ainda mais complicada por afetar interesses de grandes empresários e produtores, de forma mais direta de pessoas com grande poder aquisitivo e a necessidade do apoio do Estado em questões necessárias para que a terra possa ser ocupada pelo o movimento como os processos de desapropriação e estruturação das áreas de assentamento e Estado nesse contexto apresenta se do lado do capital.

Dentro desse contexto, o MST tem que usufruir de diferentes formas de articulações para pressionar o poder público para que os direitos instituídos sejam cumpridos de forma que a reforma agrária é regulamentada como lei. Assim o MST atualmente tem como estratégias de lutas protestos, fechamentos de estradas, ocupações de áreas ao contrário do que ocorria em outros momentos em que a ação do movimento era mais combativo, havendo confrontos entre tiros. Esta estratégia foi modificada devido a quantidade de mortes por parte dos integrantes do movimento uma vez que os eventos ficavam impunes. As mudanças não ficaram restritas apenas as estratégias de lutas, mas também aos objetivos das mesmas onde antes o objetivo era apenas a conquista de terras, agora além da terra também é buscado os serviços básicos saúde, educação, moradia entre outros, ou seja, é buscado algo além da conquista da terra e sim uma garantia de uma melhora qualidade de vida para os trabalhadores rurais, porque só a terra sem assistência de muito pouco vale. E no que se refere às conquistas e derrotas do movimento são destacadas as conquistas de terras que resultaram em formação de áreas de assentamentos e as derrotas se resume os fracassos nas ocupações que ocorrem onde depois de tantas lutas pela a conquista das áreas o movimento é obrigado a desocupar as áreas por ordens judiciais e quando a perda de integrantes do movimento nas lutas pelas as conquistas dos seus direitos.

De acordo com o discurso dos entrevistados percebemos que as estratégias e táticas utilizadas pelo o movimento são os protestos nas ruas, fechamento de estradas

para pressionar autoridades públicas para que seus direitos legalmente instituídos sejam cumpridos, a ocupação das margens das estradas e das propriedades improdutivas uma das estratégias que marca o Movimento MST que mais gera resultados na questão de formação de áreas de assentamentos e por fim outra estratégia utilizada pelo o movimento é oferta cursos de qualificação educacional para as pessoas de áreas de assentamentos que através destes são formados os militantes para atuar nas ações do movimento.

Em relação ao desenvolvimento dessas estratégias e táticas na escala assentamento de acordo com a experiência de vivencia e com os discursos dos entrevistados percebemos uma diminuição da atuação do movimento, isso devido a ausência de apoio do Estado, mas as estratégias não se diferenciam da aplicadas pelo o movimento em escala nacional com base em protestos, ocupações, e fechamento de estradas.

A exemplo do uso dessas estratégias e táticas desenvolvidas pelos integrantes do assentamento José Antônio Eufrosino temos a questão de fechamento de estradas que foram realizadas várias vezes como foi relatado por um dos entrevistados que no início do assentamento tiveram problemas com um fazendeiro vizinho que queriam manter seus animais na área de assentamento para resolver esses problemas foi fechada a BR 230 próximo ao Distrito de São José para que o Estado tomasse um posicionamento em relação essa situação, houve outro fechamento na BR 230 próximo ao bairro Jardim Verdejante reivindicando asfaltamento da PB 138 que liga Campina Grande a distrito de Catolé de Boa Vista que é um dos acessos a assentamento. No contexto das ocupações é comum a ocupação da sede do INCRA em João Pessoa como forma de reivindicar ações para o assentamento, em 2015 houve uma ocupação reivindicação para a liberação para as reformas das casas no assentamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADISSI, Paula Oliveira. ESTADO, MÍDIA E CRIMINALIZAÇÃO DO MST. Um estudo a partir do Caso de Pocinhos (PB). Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Programa Pós-Graduação Ciências Sociais. Campina Grande – PB, 2011

COCA. Estevan Leopoldo de Freitas. Análise e mapeamento dos tipos de assentamentos no Brasil: compreender a diversidade e a atualidade da reforma agrária brasileira - estudo dos assentamentos das regiões norte e nordeste. Relatório Final. FAPESP - Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de São Paulo. Presidente Prudente, 2008.

COELHO NETO, Agripino Souza. Componentes definidores do conceito de território: a multiescalaridade, a multidimensionalidade e a relação espaço-poder. *GEOgraphia*, v. 15, 29. 2013. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia>>. Acesso em: 05 julho 2017.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. [200?]. Disponível em: <<http://www.cptnacional.org.br/>>. Acesso em: 30 maio 2017.

COONAP, Diagnóstico do Assentamento José Antonio Eufrozino Campina Grande- PB, 2014

FERNANDES, Bernardo M. **A Formação do MST no Brasil**. Vozes. Petrópolis, 2000. Disponível: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/OUTROS/04mancano.pdf>. Acesso em 15 Maio 2017.

FERNANDES, Bernardo Mançano. O MST e a luta pela reforma agrária no Brasil. OSAL, 2008. Disponível em: <<http://bib.praxis.ufsc.br:> >. Acesso em 15 Maio 2017.

FIGUEIREDO, Gislayne Cristina; PINTO, José Marcelino de Rezende. (2014). Acampamento e assentamento: participação, experiência e vivência em dois momentos de lutas por terras. *Psicologia & Sociedade*

FONSECA, Helen Nunes Cosmo da; LIMA, Edvaldo Carlos de. Espaço Agrário paraibano no contexto dos Movimentos de Luta pela Terra e Reforma Agrária: MST. XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, São Paulo, 2009, pp. 1-16

MATOS, Patrícia Francisca de; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. OBSERVAÇÃO E ENTREVISTA: construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia agrária. In: RAMIRES, Julio Cesar de Lima & PESSOA, Vera Lúcia Salazar (org.). *Geografia e Pesquisa Qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009. 543 p.

MIRANDA, Roberto de Sousa; CUNHA, Luis Henrique. Instituições Sociais e a superação dos dilemas da Ação Coletiva no Assentamento José Antônio Eufrosino. XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, UFPE, Recife –PE, 2007.

MIRANDA, Roberto de Sousa. Desempenho institucional e a superação dos dilemas sociais em assentamentos do semiárido paraibano. Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campina Grande – PB, 2007

PEDON, Nelson Rodrigo. Movimentos Socioterritoriais: Uma Contribuição Conceitual à Pesquisa Geográfica. 2009. 240 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP - Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente.

ROCHA, Herivelto Fernandes. Análise e mapeamento da implantação de assentamentos rurais e da luta pela terra no Brasil entre 1985 – 2008. 2009. 63 f. Monografia (Bacharelado em Geografia). Curso de Graduação em Geografia. Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente, 2009 Disponível em: Acesso em: 15 Maio 2017 Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia>>. Acesso em: 05 julho 2017.

ROJAS, Gonzalo Adrian; ADISSI Paula Oliveira. A criminalização do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST): um balanço da literatura e o estudo do caso Pocinhos (PB). Raízes, v.35, n.1, jan-jun, 2015.

SANTOS, Rafael de Oliveira Coelho. Estudo das políticas de obtenção dos assentamentos de reforma agrária no Brasil entre 1985 e 2009. 92 f. Monografia (Bacharelado em Geografia). Curso de Graduação em Geografia. Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente, 2010. Disponível em: <[http://www4.fct.unesp.br/nera/monografia/mono\\_rafael\\_coelho\\_2010.pdf](http://www4.fct.unesp.br/nera/monografia/mono_rafael_coelho_2010.pdf)>. Acesso em: 7 julho 2017. n. 248 29. 2013.

SILVA, Josilena Oliveira Targino da. Os movimentos sociais no campo da Paraíba: a atuação do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST) em João Pessoa. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa – PB, 2015.

SILVA, Jeane Medeiros. Análise do discurso e pesquisa qualitativa na Geografia. In: RAMIRES, Julio Cesar de Lima & PESSOA, Vera Lúcia Salazar (org.). Geografia e Pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009. 543 p.

SOUZA JUNIOR, Xisto Serafim de Santana. A participação dos movimentos sociais urbanos na produção do espaço em João Pessoa – PB. (Tese de Doutorado). Pres. Prudente-SP, UNESP, 2008, (341p.).

SOUZA, Marcelo Lopes. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In:LOBATO, Roberto. Geografia: conceitos e temas. Rio de Ja, 1995.

## APÊNDICE

**Universidade Federal de Campina Grande**

**Centro de Humanidades**

**Unidade acadêmica de geografia**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DA ATUAÇÃO DO MST: O CASO DO ASSENTAMENTO JOSÉ ANTÔNIO EUFROSINO EM CAMPINA GRANDE -PB**

*Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa acima citado, o qual corresponde a um Trabalho de Conclusão de Curso - TCC. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.*

Eu, \_\_\_\_\_, profissão \_\_\_\_\_, residente e domiciliado na \_\_\_\_\_, portador da cédula de identidade (RG) \_\_\_\_\_, e inscrito no CPF/MF \_\_\_\_\_, nascido(a) em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “*Estratégias e táticas da Atuação do MST: O caso do Assentamento José Antônio Eufrosino em Campina Grande -PB*”

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas, estando ciente que:

Identificar.

- I. Analisar as Estratégias e táticas da Atuação do MST: O caso do Assentamento José Antônio Eufrosino em Campina Grande -PB.
- II. A participação neste projeto não tem objetivo de denegrir minha imagem sendo o destino das informações por mim fornecidas utilizados para fins acadêmicos como publicações e apresentações em eventos científicos;
- III. Estou ciente do procedimento metodológico adotado nesta pesquisa e, em caso de dúvidas quanto a finalidade do mesmo, tenho todo o direito e autonomia de não autorizar o uso das informações fornecidas;
- IV. Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- V. A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico;
- VI. Os resultados obtidos durante este ensaio serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em atividades científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados, exceto quando for por mim devidamente autorizado;
- VII. Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa através de arquivo digital fornecido pelo pesquisador.
  - ( ) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
  - ( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

- I. Autorizo o uso de gravador na condição do áudio ou a transcrição do conteúdo não seja

utilizado para finalidades que não sejam acadêmicas, exceto quando o pesquisador solicitar a minha aprovação pessoal;

II. Com relação a captura de imagem através de filmadora ou outro instrumento similar:

- ( ) Não autorizo  
 ( ) Autorizo na condição de que o material não seja de domínio público;  
 ( ) Autorizo sem restrições

I. Com relação a captura de imagem através de máquina fotográfica ou outro instrumento similar:

- ( ) Não autorizo  
 ( ) Autorizo na condição de que o material utilizado seja normatizado segundo as orientações da ABNT e que não exista indicação do meu nome, excerto quando for por mim devidamente permitido;  
 ( ) Autorizo sem restrições.

XI – o desenvolvimento das atividades não sujeitará ônus financeiro ao sujeito pesquisado;

XII – o sujeito pesquisado será ainda esclarecido sobre: a) a justificativa da pesquisa; b) possíveis desconfortos, riscos e benefícios e c) recebimento de uma via impressa deste termo de compromisso.

XIII – Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/HUAC, do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro.

XIX – Finalmente, declaro ter ciência quanto a necessidade da pesquisa a partir do esclarecimento do pesquisador e de que não serei submetido (a) a nenhuma situação de comprometimento a minha integridade física, moral ou psicológica.

XX – Atesto recebimento de uma guia deste termo a qual servirá para confirmar as condições apresentadas no mesmo.

Campina Grande, de de 2017

( ) Sujeito pesquisado:.....

**Responsável pelo Projeto:** \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior, Matrícula SIAPE 1770425

**Universidade Federal de Campina Grande**  
 Unidade Acadêmica de Geografia  
 Rua Aprígio Veloso, 882, Cidade Universitária  
 Campina Grande-PB, 58429-140

**Telefone para contato: 83. 2101-1277/ [xtojunio@yahoo.com.br](mailto:xtojunio@yahoo.com.br)**

**CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n,  
 São José. Campina Grande- PB. Telefone: (83) 2101-5545.2**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG

CENTRO DE HUMANIDADES – CH

Unidade acadêmica de geografia – UAG

Pesquisa: ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DA ATUAÇÃO DO MST: O CASO DO  
ASSENTAMENTO JOSÉ ANTÔNIO EUFROSINO EM CAMPINA GRANDE -PB

Pesquisador responsável (orientador):

Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior

Estudante-pesquisador: ChistianeJèssika Vidal dos Santos

### **ROTEIRO DE ENTREVISTAS**

A entrevista tem como objetivo analisar a percepção do militante que represente politicamente o movimento e membros que atuem no movimento desde do início do Assentamento José Antônio Eufrozino. A realização da mesma condiciona-se a apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido o qual foi devidamente apresentado ao entrevistado.

Enquanto requisito dos procedimentos metodológicos será entregue ao entrevistado uma via deste roteiro de entrevista para leitura prévia.

Critério de inclusão: trabalhar direta ou indiretamente com refugiados.

#### **Roteiro de entrevista para o membro do assentamento**

- Fale um pouco sobre sua trajetória no movimento MST.
- Se você pudesse pontuar conquistas e derrotas da ação do MST no Estado da Paraíba, quais a que você destacaria e por que?
- Relate como você visualiza o papel político do MST.
- Sobre o Assentamento, relate um pouco sobre sua história no assentamento José Antônio Eufrozino identificando os momentos que você considera como tendo sido mais estratégicos
- Como você contextualizaria as Estratégias do MST na atualidade?
- Fale um pouco sobre como é a participação de todos para que seja cumprido o que foi prometido.

Data: \_\_\_/\_\_\_/2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES – CH  
Unidade acadêmica de geografia – UAG  
Pesquisa: ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DA ATUAÇÃO DO MST: O CASO DO  
ASSENTAMENTO JOSÉ ANTÔNIO EUFROSINO EM CAMPINA GRANDE -PB

Pesquisador responsável (orientador):  
Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior

Estudante-pesquisador: ChistianeJêssika Vidal dos Santos

### **ROTEIRO DE ENTREVISTAS**

A entrevista tem como objetivo analisar a percepção do militante que represente politicamente o movimento e membros que atuem no movimento desde do início do Assentamento José Antônio Eufrozino. A realização da mesma condiciona-se a apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido o qual foi devidamente apresentado ao entrevistado.

Enquanto requisito dos procedimentos metodológicos será entregue ao entrevistado uma via deste roteiro de entrevista para leitura prévia.

Critério de inclusão: trabalhar direta ou indiretamente com refugiados.

#### **Roteiro de entrevista para o militante**

- Fale um pouco sobre sua trajetória no movimento e sua participação na militância.
- Se você pudesse pontuar conquistas e derrotas da ação do MST na Paraíba, quais a que você destacaria e por que?
- Relate como você visualiza o papel político do MST no Brasil e na Paraíba.
- Sobre o Assentamento, relate um pouco sobre a história do assentamento identificando os momentos que você considera como tendo sido mais estratégicos
- Como você contextualizaria a política territorial do Brasil no campo na atualidade?
- Quais as estratégias atuais que deveriam ser adotadas pelo MST (em geral) e pelo Assentamento (em especial).
- Como você contextualizaria a participação dos integrantes do movimento para conquista dos direitos entre o que se é legalmente instituído e o que vem sendo efetivamente feito.

Data: \_\_\_/\_\_\_/2017